



IBAC

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Comportamentos agressivos selecionados em
contextos familiares: um caso clínico sob a
perspectiva analítico comportamental**

Márcio Dias Guimarães

Brasília
Abril de 2018



IBAC

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Comportamentos agressivos selecionados em
contextos familiares: um caso clínico sob a
perspectiva analítico comportamental**

Márcio Dias Guimarães

Monografia apresentada ao Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica.
Orientadora: Larissa Cristina da Silva Portela

Brasília
Abril de 2018



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Folha de Avaliação

Autora: Márcio Dias Guimarães

Título: Comportamentos Agressivos Seleccionados em Contextos Familiares: Um Caso Clínico sob a Perspectiva Analítico Comportamental

Data da Avaliação: 07 de abril de 2018

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Larissa Cristina da Silva Portela

Membro: Lorena Bezerra Nery

Membro: Gustavo Tozzi Martins

Brasília
Abril de 2018

Sumário

Folha de Avaliação -----	i
Sumário -----	ii
Lista de Quadros -----	iii
Resumo -----	iv
Introdução -----	1
Breve Apresentação Sobre a Análise do Comportamento -----	1
Controle Aversivo -----	3
Conceito de Agressividade Social e da Análise do Comportamento -----	7
Contingências Familiares e Comportamento Humano -----	11
A Importância do Histórico de Vida para a Compreensão de Padrões Comportamentais -----	17
Método -----	21
Cliente -----	21
Queixas e Demandas -----	21
Contexto Terapêutico -----	22
Procedimento -----	22
Resultados -----	25
1. Contingências no Início do Processo Terapêutico -----	25
2. Controle Instrucional -----	26
3. Histórico Familiar -----	27
4. Histórico Acadêmico Profissional -----	31
5. Histórico Social -----	32
6. Histórico Médico e Psicológico -----	33
7. Relacionamentos Funcionalmente Relevantes -----	34
8. Análises Funcionais Moleculares -----	37
9. Análises Funcionais Molares -----	39
10. Relação Terapêutica -----	41
11. Variáveis Motivacionais para a Mudança -----	43
12. Objetivos Terapêuticos -----	45
13. Intervenções Realizadas -----	47
14. Mudanças Observadas -----	54
Considerações Finais -----	58
Referências -----	66
Anexos -----	76
Anexo 1. Modelo de Termo de Autorização para Supervisão e Arquivamento de Relatórios Utilizado no IBAC -----	77
Anexo 2. Modelo de Relatório de Atendimento Institucional -----	78
Anexo 3. Modelo de Entrevista Semiestruturada Utilizada no Primeiro Atendimento -----	79

Lista de Quadros

Quadro 1. Análise Funcional das Contingências de Reforçamento que a Cliente Encontrava-se Exposta ao Procurar Apoio Terapêutico -----	26
Quadro 2. Comportamento Agressivo e Contingências em que tais Comportamentos Estavam Envolvidos -----	38
Quadro 3. Contingências de Reforçamento Históricas que Favoreceram o Desenvolvimento de um Padrão Comportamental Agressivo na Cliente -----	40
Quadro 4. Contingências de Reforçamento Históricas que Favoreceram o Desenvolvimento de um Padrão Comportamental Queixoso na Cliente -----	41

Resumo

Este trabalho objetivou discutir a influência de ambientes familiares violentos no desenvolvimento de padrão comportamental agressivo. A agressividade é socialmente concebida como a qualidade do indivíduo que tem tendência a atacar ou provocar, envolvendo aspectos internos como a pulsão na sua origem. Para a análise do comportamento, no entanto, é um rótulo social a variados comportamentos com topografias diferentes, determinados por fatores biológicos, históricos individuais e culturais. A partir de um estudo de caso, ilustrou-se como a vivência de um contexto histórico familiar permeado por violência pode ter contribuído para o desenvolvimento desse padrão em uma cliente de 52 anos, que buscou auxílio psicológico por apresentar intenso sofrimento devido às dificuldades nas interações sociais e afetivas. Após a coleta de dados e elaboração de análises funcionais ao longo do processo analítico comportamental clínico, objetivos terapêuticos foram trabalhados e melhorias na saúde, nos relacionamentos e na área profissional, alcançados. Por fim, demonstrou-se como os achados nesse processo estiveram em conformidade ao defendido pelos estudiosos apresentados no início desse trabalho.

Palavras-chave: Agressividade; Contexto Familiar Violento; Padrão Comportamental; Análise Comportamental Clínica.

1. Breve apresentação sobre a análise do comportamento.

A Análise do Comportamento é uma abordagem científica psicológica embasada nos pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical, que visa a explicação de fenômenos comportamentais a partir da busca de seus determinantes na interação do sujeito com o ambiente, excluindo-se causas mentais nessas explicações. Tanto a filosofia, quanto a proposta psicológica foram concebidas por Burrhus Frederic Skinner, principal expoente da área (Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1974/1982).

Para uma adequada análise do comportamento, esse não pode ser compreendido como uma ação isolada, mas sim como produto da interação constante entre o indivíduo e o ambiente do qual faz parte. O comportamento aqui é entendido como toda e qualquer atividade ou ação do organismo e o ambiente considerado não apenas como o meio externo, mas tudo aquilo que influencia o comportamento (Moreira & Medeiros, 2007; Tourinho, 2006).

Conforme exposto por Todorov (2012), a psicologia é a análise de interações e seu objeto de estudo é o homem como um organismo em interação com seu meio ambiente, vendo-o como parte da natureza e sujeito as mesmas pressões do ambiente assim como outros animais. Suas ações provocam modificações no meio e pelas consequências de suas ações é modificado. Compartilha com outras espécies alguns processos que alteram suas ações de modo a estabelecer um intercâmbio mais útil e seguro em determinado ambiente. As consequências decorrentes do desenvolvimento de um comportamento mais eficiente agem por processo semelhante, garantindo em caso de eficiência que permaneçam ativas. Se, no entanto, ocorrem modificações no

ambiente, maneiras antigas de se comportar podem desaparecer e novas consequências produzirem novas variações comportamentais.

Portanto, considera-se que a resposta de um organismo não pode ser entendida isoladamente, mas sim dentro do contexto em que ocorre. Não há sentido ou é inútil para o analista do comportamento a descrição do comportamento sem fazer referência ao ambiente em que ele ocorre. Torna-se necessário para sua compreensão, a inclusão dos antecedentes e consequentes envolvidos no evento descrito para que se obtenha uma conclusão. Não se pode analisar separadamente comportamento, ambiente e resposta, pois são estímulos interdependentes (Todorov, 2012).

Com base nesse entendimento, as análises feitas na interpretação dos fenômenos comportamentais são descritas em termos de relações contingenciais (relações de dependência entre comportamento e eventos ambientais). O instrumento utilizado para essas análises é denominado de análise funcional, que é uma formulação esquematizada descrevendo a interrelação existente entre os três principais componentes de uma contingência: a ocasião em que a ação ocorre, a própria resposta do organismo e as consequências reforçadoras. O intuito é analisar a função do comportamento no contexto que está envolvido (variáveis ambientais que influenciam a ocorrência do comportamento e a utilidade desse para a sobrevivência do indivíduo) (Marçal, 2010; Matos, 1997; Skinner, 1953/2003, 1974/1982).

A partir das análises feitas, procura-se prever e controlar o comportamento de maneira que intervenções possam ser feitas e modificações úteis serem alcançadas. Isso é possível pelo conhecimento de processos comportamentais que a metodologia fornece de modo que mudanças comportamentais esperadas se dão pela manipulação

e programação de consequências especiais para comportamentos alvos (Moreira & Medeiros, 2007; Skinner 1953/2003, 1974/1982).

Quando mencionou a importância das consequências para a compreensão do comportamento, Skinner (1981/2007) argumentou que essa tem um papel fundamental, isso porque desde o surgimento da vida na Terra, foi à seleção pelas consequências que possibilitou a origem e o desenvolvimento de todas as espécies atualmente existentes. O comportamento surgiu nesse contexto evolutivo como um conjunto de funções dos organismos que estreitou ainda mais sua interação com o meio do qual fazia parte.

Skinner afirmou ainda que em decorrência da seleção pelas consequências os determinantes (“causas”) do comportamento estão relacionados a três níveis de seleção: 1) a filogenética, compreendida pelas características e potencialidades físicas ou comportamentais adquiridas no processo evolutivo por cada espécie ao longo do tempo; 2) a ontogenética, que corresponde as modificações particulares ocasionadas no decorrer da existência do indivíduo e 3) a cultural, referente as interferências que o sujeito recebe das práticas culturais enquanto participante de um grupo dentro de uma determinada cultura (Catania, 1998/1999; Skinner, 1981/2007).

2. Controle aversivo.

O termo controle aversivo refere-se a consequências aversivas que exercem controle sobre o comportamento que imediatamente as antecedem, de modo a aumentar ou diminuir a probabilidade de sua ocorrência futura. É denominado de aversivo pelo fato do comportamento envolvido ser emitido na tentativa do indivíduo eliminar ou evitar algo que lhe é desagradável. O controle aversivo compreende o reforçamento negativo, a punição positiva e negativa (Catania, 1999; Moreira &

Medeiros, 2007; Sidman, 1989/2009; Skinner, 1953/2003). Cabe aqui a ressalva que mesmo que a extinção seja caracterizada como algo aversivo, ela não é considerada como uma forma de controle aversivo por envolver reforçamento diferencial contingencial, ou seja, após um período de fortalecimento do comportamento por meio do reforçamento positivo, o reforço é suprimido da operação (Moreira & Medeiros, 2007).

No caso do reforçamento negativo, há um aumento na probabilidade de ocorrência do comportamento devido a retirada de algum estímulo aversivo. O termo reforçamento refere-se ao fato da consequência produzida promover o aumento na probabilidade de ocorrências futuras da resposta em situações semelhantes e negativo, no sentido de que algum estímulo é subtraído, nesse caso o aversivo (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

Alguns analistas comportamentais consideram a existência de dois tipos de comportamentos operantes estabelecidos e mantidos em contingências de reforçamento negativo: fuga e esquiva. Para eles, na fuga o comportamento emitido ocasiona a retirada do estímulo aversivo do ambiente e na esquiva, a ação retarda ou impede o contato com o estímulo aversivo ainda ausente (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

Sidman (1995), diferentemente dessa idéia, não adotou tal distinção e considerou a esquiva como um produto secundário da fuga. Para ele, existe tão somente o comportamento de fuga, pois o organismo se comporta em função da diminuição da estimulação aversiva no agora (sempre presente) e que pode ter assumido essa característica (aversiva) devido ao emparelhamento de um estímulo outrora neutro com outro de características aversivas (processo de condicionamento), passando o primeiro a exercer a mesma função que o segundo. Assim, no decorrer

desse trabalho, será adotada a percepção de Sidman sobre esse aspecto, quando feito uso dos termos fuga, esquiva, evitação e suas conjugações verbais.

Quanto a punição, ao contrário, há uma diminuição na probabilidade da emissão do comportamento consequente a apresentação de um estímulo aversivo ou retirada de um estímulo reforçador. O termo punição refere-se ao processo em que há a diminuição na probabilidade da ocorrência de uma resposta, devido as consequências aversivas que ele produziu. Positiva e negativa referem-se respectivamente a adição de algum estímulo aversivo e subtração de um estímulo reforçador. Torna-se importante ressaltar que o estímulo punidor é assim caracterizado, somente se reduzir a frequência na emissão da resposta, já que não há estímulo punidor por natureza, pois o que é punitivo para alguém, poderá não o ser para outro (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

No tocante a recomendação de sua utilização, mesmo sendo o controle aversivo uma forma amplamente difundida e utilizada por aumentar a probabilidade da ocorrência de alguns comportamentos e diminuição na probabilidade da emissão de outros, ambos do interesse de quem administra o procedimento, esse tipo de controle é desaconselhado por profissionais da Análise do Comportamento que estudam repetidamente o assunto. Tal desaconselho se dá em decorrência de seus subprodutos (efeitos envolvidos nesse tipo de controle). Um deles é a eliciação de respostas emocionais em quem foi punido (Sidman, 1989/2009; Skinner, 1953/2003), o que pode gerar sentimentos desagradáveis como pena ou culpa no agente punidor, de modo que na tentativa inadvertida desse último em cessar tal sensação desprazerosa, poderá fortalecer comportamentos que considera inapropriados em quem foi punido (Moreira & Medeiros, 2007).

Outro efeito presente é a possibilidade de a pessoa que aplicou a punição ou o reforçamento negativo em excesso, por meio de condicionamento respondente, passar a se tornar um estímulo aversivo e eliciar respondentes semelhantes em quem foi exposto a tais contingências (Moreira & Medeiros, 2007; Sidman, 1989/2009; Skinner, 1953/2003).

A apresentação da estimulação aversiva no reforçamento negativo também pode eliciar respostas reflexas em quem a recebeu, prejudicando a emissão de comportamentos que ocasionem a retirada dessa estimulação, aumentando os prejuízos desse procedimento (Moreira & Medeiros, 2007). Além disso, o efeito da punição eventualmente afetará outros comportamentos emitidos próximo do que foi objeto da punição, reduzindo a variabilidade comportamental e ocasionando outros transtornos para quem foi punido, como dificuldade adaptativa a contextos variados (Moreira & Medeiros, 2007).

Outro aspecto, é que em geral após a punição, verifica-se a emissão de uma segunda resposta por parte de quem foi punido que torna improvável a repetição do comportamento em questão. Por meio de reforçamento negativo o indivíduo exerce controle sobre sua conduta (resposta controladora ou incompatível) evitando um novo contato com a estimulação aversiva. Essa conduta, porém, devido a ausência de exposição a essa contingência futuramente, o impedirá de identificar que a punição pode não estar mais em vigor e conseqüentemente se privar de reforçadores importantes e presentes (Moreira & Medeiros, 2007).

O contracontrole é outro efeito que pode ocorrer no controle aversivo e consiste basicamente em controlar quem exerce o controle. Em se tratando de alguém que foi punido, há a emissão de uma nova resposta que diminui a intensidade da estimulação aversiva (Na visão de alguns autores, “impede” que se entre em contato

com ela, mesmo que esteja no ambiente). Já na estimulação por reforçamento negativo, a resposta emitida suspende ou evita o estímulo por meio de uma resposta contrária a esperada por quem administra o processo aversivo (Moreira & Medeiros, 2007; Sidman, 1989/2009; Skinner, 1953/2003).

Mesmo com tais efeitos colaterais, observa-se uma preferência na adoção de tais processos aversivos quando comparado ao uso do controle por reforçamento positivo. Esse interesse está relacionado aos efeitos imediatos para o agente controlador, que tem seu comportamento reforçado negativamente com a rápida retirada do comportamento alvo do procedimento. Além disso, sua eficácia não depende de estados de privação e quando seu arranjo é comparado às alternativas que envolvem reforçamento positivo, enquanto essas últimas demonstram-se bem mais dispendiosas, o controle aversivo torna-se facilitado para se obter o resultado pretendido (Moreira & Medeiros, 2007; Sidman, 1989/2009; Skinner, 1953/2003).

3. Conceito de agressividade social e da Análise do Comportamento.

No dicionário Aurélio online (2017), agressividade é definida como a qualidade do que é agressivo, combatividade. O termo “agressivo” refere-se ao que tem tendência para atacar ou provocar. Portanto agressividade é a qualidade do organismo que apresenta tendência para atacar ou provocar.

Já o dicionário de psiquiatria (1986) a caracteriza como se referindo a um ou mais conceitos diferentes, podendo ser considerada como desejo de morte e destruição; idéias e/ou comportamentos que são coléricos, odiosos ou destrutivos e atividade ou ação, especialmente quando executada com uso da força. Referem-na como uma pulsão, isto é, algo que vem de dentro do indivíduo e o faz agir.

Verificam-se diferentes compreensões sobre a agressividade, se mostrando o termo de difícil definição por manifestar-se de diferenciadas formas com sua ocorrência dependente de variados fatores como biológicos e sociais (Leme, 2014).

Bolsoni-Silva e Marturano (2002) alegam que a agressividade é um comportamento multideterminado estando presentes características individuais, históricas, familiares, práticas educativas adotadas pelos pais, condição socioeconômica e eventos estressantes presentes no contexto familiar, que interferem no aparecimento e manutenção de comportamentos relacionados.

Para o behaviorista radical, a agressividade é o rótulo de variados comportamentos com topografias diferenciadas. Além dos determinantes biológicos (filogenia), pode se instalar como estratégia solucionadora de problemas a curto prazo, mesmo que posteriormente seja seguido de consequências punitivas. Esses comportamentos na maioria das vezes são emitidos e reforçados como forma de eliminar alguma estimulação aversiva que esteja em vigor e, portanto, produto de contingências que o organismo está ou encontrava-se exposto.

Skinner (1969) relacionou o comportamento agressivo a contingências de sobrevivência e reforço em função do ambiente. Joly, Dias e Marini (2009), e Pacheco e Franco (2016), destacam que o comportamento agressivo engloba comportamentos verbais e não verbais que possam provocar danos a um organismo, mantidos por consequências reforçadoras, mesmo que estas não estejam evidentes.

Coelho-Matos e Matos (2010), mencionando Sidman (1995), defendem como importante para a compreensão da agressão as implicações da coerção, que consiste na tentativa de controle por meio de punição, ameaça ou reforçamento negativo. Fatores como a punição e privação desencadeiam agressão, porém a coerção, além de produzir agressão, gera efeitos mais abrangentes. Para quem foi punido, a

oportunidade do contra ataque torna-se um reforçador positivo, que em caso de êxito quando emitido, tem imediato e elevado valor reforçador perpetuando tal comportamento e dando continuidade a uma ampla e extensa dinâmica comportamental agressiva. Quem pune também é reforçado com a interrupção imediata do comportamento alvo, favorecendo a probabilidade de repetição do procedimento em outras ocasiões. Além disso, a pessoa cujo comportamento foi punido pode passar a atacar quem estiver próximo, mesmo que essa não tenha envolvimento algum na situação. Todo esse contexto faz com que outras pessoas sejam envolvidas nessa cadeia comportamental mantendo e perpetuando padrões comportamentais agressivos.

No tocante aos fatores desencadeadores, em Gomide (1996), Bandura e Iñesta (1975) indicam três operações básicas capazes de desencadear o comportamento agressivo: quando ocorre a extinção ou a diminuição na frequência do reforçamento, diante da apresentação de estimulação aversiva; e quando o ataque emitido a outro organismo ou objeto é reforçado seja com a apresentação de estimulação reforçadora ou pela retirada imediata de estimulação aversiva.

Gomide (1996) alega que a agressão é produzida em muitas das vezes por meio da aprendizagem reflexa, de modo que ambientes anteriormente neutros, podem se tornar aversivos por meio de emparelhamento de estímulos e assim eliciar reações emocionais que favorecem a emissão do comportamento agressivo. No caso da espécie humana, que possui a capacidade associativa desenvolvida (facilidade em estabelecer associações entre estímulos diferenciados), com grande facilidade comportamentos podem ser condicionados a estímulos que tenham associações dolorosas, mesmo que remotas e em princípio neutros (Ulrich, 1975). Desse modo, uma criança que foi espancada por pessoa do sexo masculino, pode passar a emitir

comportamentos agressivos na presença de homens, sem que seja provocada diretamente.

Segundo Ulrich (1975), a agressão se dá com aprendizado quando o comportamento agressivo é seguido por consequência reforçadora, por observação de modelo agressivo sendo seguido de reforçamento ou esse comportamento constituir uma forma de esquivar-se ou interromper alguma estimulação aversiva em vigência.

Sidman (1995) defende que o comportamento agressivo é produzido como consequências de condições em que exista controle aversivo, seja pela apresentação de estimulação aversiva ou retirada de reforçadores (punição), por comportamentos que promovam a retirada de alguma estimulação aversiva (reforçamento negativo) e ainda, pela restrição ou inacessibilidade de estímulos que são necessários ou aprazíveis para o organismo, que é o caso da privação.

Outro fator que pode desencadear comportamentos agressivos é a condição de incontrolabilidade do reforço. Nesse caso, o indivíduo encontra-se submetido a uma contingência em que o reforço é apresentado intermitentemente e independente do comportamento emitido, sendo a agressão co produto (comportamento adjuntivo ou induzido pelo esquema) dessa contingência (Capelari & Fazzio, 2001).

Existem também relatos na literatura médica quanto ao comportamento agressivo resultante de condição orgânica caracterizada como Epilepsia. Além da constatação de emissão de tais comportamentos durante as crises convulsivas em pacientes epiléticos, verificou-se a incidência do comportamento agressivo significativamente aumentado em pacientes com alterações neurológicas típicas da epilepsia quando comparados as pessoas que não apresentavam essa condição (Ballone, 2005).

Conforme alegam Coelho-Matos e Matos (2010), o repertório agressivo tem seu desenvolvimento em geral gradual, com elevação da gravidade em sua ocorrência, isto é, verifica-se o aumento de sua frequência e variabilidade topográfica com o passar dos anos, caso o contexto favoreça (presença de contingências reforçadoras positivas e negativas na modelagem). Nesse aspecto assemelha-se a evolução e manutenção de cadeias comportamentais de agressão nas interações sociais coercitivas a partir do reforçamento passo a passo. Ambientes agressivos tendem a gerar indivíduos que se comportam de maneira agressiva, já que os estímulos aversivos são os agentes desencadeadores de respostas agressivas principalmente quando a fuga ou esquivas não são possíveis (Ulrich, 1975).

Salienta-se também que algumas formas de agressão também são reforçadas socialmente e dependendo do contexto social em que a pessoa se encontra, tem maior propensão de ocorrer (Coelho-Matos & Matos, 2010). Não é incomum, por exemplo, a valorização de comportamentos agressivos em lutadores esportivos (boxe), em filmes (faroeste, policial, drama) ou livros de história (reis e comandantes de exércitos) nos quais os personagens valorizados (“mocinhos”) e/ou de destaque apresentam atitudes violentas, nos grupos tribais que adotam ritos violentos de passagem da juventude para a idade adulta, nos quais exigem bravura de seus participantes e até mesmo grupos de adolescentes com atitudes delinquentes, que exigem demonstração semelhante de seus integrantes, dentre outros.

4. Contingências familiares e comportamento humano.

Segundo Silveira, Moura e Aguiar (2009), para uma análise psicológica apropriada, uma pessoa deve ser vista como integrante de um sistema social em que as pessoas se influenciam mutuamente. Tais influências ocorrem desde a concepção

do indivíduo, sendo que por ser a família um dos primeiros sistemas sociais do qual uma pessoa faz parte, os comportamentos dos familiares influenciam marcadamente as atitudes das crianças que dali se originam. Assim, ao serem analisados os comportamentos infantis tidos socialmente como “inadequados”¹, deve ser incluída na análise a interação dos pais ou cuidadores com a criança, de modo a identificar as relações existentes entre estes comportamentos, objeto de queixa, e as atitudes dos pais, possibilitando assim o planejamento de intervenções eficazes.

Por ser a família o primeiro contato do indivíduo com o ambiente social, esta é a responsável pelo ensinamento de práticas comportamentais importantes para a sobrevivência desse no convívio com demais integrantes da sociedade da qual é originário, que por sua vez, faz parte de uma cultura que norteia as práticas que lhe são ensinadas, os padrões de condutas aceitos (incentivados) e os que são desaprovados. A família então é vista dentro de uma perspectiva histórica, como parte de um contexto social (Mattaini, 1999/2001), sendo analisada a partir da interação de seus membros, da história familiar destes e todo o contexto social em que se encontram.

Confirmando a idéia exposta anteriormente, pesquisas apontam que o comportamento dos pais influencia diretamente na construção do repertório comportamental de seus filhos, e isso não ocorre exclusivamente na infância, mas também na adolescência (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Bolsoni-Silva, Paiva & Barbosa, 2009; Gomide, 2009; Maccoby & Martin, 1983; Pinheiro, Haase, Amarante, Del Prette & Del Prette, 2006; e Villa & Auzmendi, 1999).

O repertório comportamental adquirido ao longo da infância nem sempre é adequado para o convívio em sociedade (Silva, 2000). Em relação ao comportamento

¹ No decorrer desse documento o uso dos termos: inadequado, problemático, indesejado, inabilidoso, inapropriado e deficitário referirão aqueles comportamentos que na convivência social produzem consequências aversivas para seu emissor, ainda que a médio ou longo prazo.

agressivo em crianças, seu excesso se traduz em inabilidade dessas e dificuldades quanto à aquisição de um repertório comportamental assertivo (comportamentos que garantem direitos individuais sem produzir estimulação aversiva ou ocasionar o desrespeito aos direitos alheios) na interação com o meio em que vive, apresentando grande dificuldade em adotar outras atitudes, que não as agressivas frente aos problemas cotidianos (Leme, 2004).

Para o analista do comportamento, a agressão é modelada a partir de uma educação não efetiva mediada por um contexto que a favoreça. É natural que crianças apresentem comportamentos considerados “problemáticos” socialmente e que produzem consequências aversivas. Mesmo que sua frequência seja elevada e desencadeie prejuízos familiares ou sociais, esta teve origem e se manteve provavelmente na própria interação familiar. Em casos assim, o comportamento problema da criança é controlado por estímulos sinalizadores e reforçadores administrados pelos próprios cuidadores, os quais também podem exercer controle sobre seus cuidadores. Tais comportamentos são propensos a generalizar-se para outros contextos sociais, com sua manutenção e agravamento (Coelho-Matos & Matos, 2010; Silves & Moura & Aguiar, 2009).

Segundo Gomide (2006, 2008); e Silves, Moura e Aguiar (2009), é provável que pais com dificuldades interpessoais acabem fornecendo modelo de comportamento inabilidoso (de baixa eficiência na produção de reforçadores e redução de estimulação aversiva) para seus filhos, contribuindo para o desenvolvimento de repertório comportamental ocasionador de transtornos para os mesmos e os que estão ao seu redor.

As dificuldades na interação parental podem estar relacionadas a variados aspectos da vida dos pais como padrões comportamentais advindos da relação com a

família de origem; irritabilidade decorrente de estresse por problemas na área afetiva, econômica e profissional que elevam a probabilidade de alterações no relacionamento com os filhos; e inabilidade para lidar com atitudes dos filhos em algumas situações, acabando por reforçar atitudes que gostariam de enfraquecer (Silvares, Moura & Aguiar, 2009).

Alguns psicólogos chamam a atenção para o que consideram armadilhas de reforço, isto é, quando há o reforçamento inadvertido pelos pais de comportamentos problemáticos da criança na tentativa de solucionar uma situação, sem fornecerem parâmetros claros de reforço e punição para a atitude dela (Silvares, Moura & Aguiar, 2009). Uma delas envolve reforço positivo e se dá quando há o reforçamento de um comportamento da criança pelos pais em um contexto, mas o mesmo comportamento se torna fonte de estimulação aversiva devido a mudanças nas condições ambientais. Isso ocorre, por exemplo, com comportamentos que são reforçados pelos pais, mas considerados inapropriados por outras pessoas (Silvares, Moura & Aguiar, 2009).

Outra armadilha envolve reforço negativo e se dá pela apresentação dos pais de estimulação reforçadora positiva como forma de cessar uma postura inapropriada da criança considerada aversiva a eles. A atitude dos pais é fortalecida ao cessar o estímulo aversivo, assim como a da criança também o é, ao ser reforçada positivamente. Com o passar do tempo, porém, a mesma ação parental que foi reforçada negativamente passa a ser punida positivamente devido a apresentação do comportamento aversivo do filho que outrora foi fortalecido. Comportamentos de oposição, desobediência e descumprimento de regras são exemplos disso, que com o tempo podem se estender para outros sistemas sociais. (Silvares, Moura & Aguiar, 2009).

Segundo Dascânio e Valle (2007), a utilização de recursos coercitivos para o controle do comportamento infantil pode favorecer e agravar padrões comportamentais considerados “indesejados” devido o fato de tal conduta assumir tanto o efeito punitivo como reforçador. Catania (1999) citou sujeitos experimentais que tiveram aumento na frequência da emissão de respostas punidas, quando estas previamente foram ocasionalmente seguidas de reforçamento. Nesse caso, a estimulação aversiva assumiu característica sinalizadora reforçadora desencadeando o aumento na frequência do comportamento que outrora fora reforçado. Como exemplo, citou o fato de crianças privadas de afeto que provocam seus pais até serem punidas, por terem sido no passado reforçadas com atenção fornecida inadvertidamente pelos pais ao se sentirem arrependidos pela aplicação das surras ou castigos.

Um aspecto que parece aumentar a incidência de atitudes coercitivas dos pais para com os filhos e favorece a ocorrência da agressividade em uma reação em cadeia é o estresse que os primeiros vivenciam (Silvares, Moura & Aguiar, 2009).

Dentre variados estressores, destaca-se o conflito conjugal, que pode acarretar na ausência de responsabilidade dos pais para com os filhos, uma menor demonstração de carinho, emissão de comportamento mais rigoroso, dentre outras atitudes, o que pode refletir diretamente na criança, contribuindo para que ela apresente comportamentos como: raiva, sentimento de insegurança, dificuldades de socialização, dentre outros (Alves & Aguiar, 2016).

Assim, as situações externas podem causar estresse nos pais, e gerar atitudes mais severas e as vezes agressivas em relação a seus filhos, causando nestes, sensações como a insegurança, raiva e a repetição do comportamento agressivo, o

que gera mais estresse para os pais, tornando-se um ciclo que tende a se perpetuar (Alves & Aguiar, 2016; Mondin, 2008).

Além disso a educação coercitiva pode desencadear em diversos prejuízos no desenvolvimento de crianças a ela submetida, tais como ansiedade, baixa autoestima e medo (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003; Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004). Com a exposição a maus tratos e violência o desenvolvimento da criança torna-se ainda mais preocupante, pois pode gerar adultos agressivos e socialmente inabilidosos. Conforme entendido por Guilhardi (2002), destaca-se que a autoestima é um sentimento que pode ser desenvolvido no decorrer da vida do indivíduo, produto de contingências de reforçamento de origem social, seja por estimulação reforçadora ou aversiva. Sob o primeiro tipo de estimulação, há um aumento da autoestima sob a segunda condição, há sua diminuição.

Bennett (2000) ressalta que problemas familiares, tais como abusos parentais, negligência, coerção, punição excessiva, dentre outros, aumentam a probabilidade de que a criança maltratada adquira este repertório agressivo e transgressor, perpetuando tal comportamento (Conte, 2001; Gomide, 2001).

Além da relação direta com os pais, há de se considerar também a influência de outros aspectos como favorecedores da ocorrência do comportamento agressivo. Fatores como a exposição a situações de abuso físico ou maus tratos, prolongada exposição a programas televisivos violentos e vínculo fortalecido com pessoas que apresentam comportamentos agressivos e inapropriados socialmente (Coelho-Matos & Matos, 2010).

5. A importância do histórico de vida para a compreensão de padrões comportamentais.

A Análise do Comportamento enquanto ciência entende as ações humanas e de outros animais como resultado de dois grandes conjuntos de variáveis: as históricas e as atuais. As históricas compreendem contingências de reforçamento pelas quais um organismo esteve exposto ao longo de sua existência e as atuais, as que estão atuando no momento da observação ou estudo (Cirino, 2001).

Skinner, em sua obra “Ciência e Comportamento Humano” (1953) já destacava a análise das contingências passadas como sendo primordiais para o entendimento e explicação dos comportamentos atuais, isso, é claro, levando-se em consideração as variáveis do presente. Chiesa (1994), em concordância com ele, afirmou que a experiência é um componente necessário para as explicações comportamentais em um modelo causal, contextualista e selecionista como o da Análise do Comportamento, sendo o responder determinado não somente por contingências presentes, mas também pelas passadas (Dias, Caçado, Soares, & Cirino, 2007, Todorov, 2012).

Segundo Skinner (1974/1982, 1981), para entender um determinado comportamento, não basta analisar as variáveis imediatas, pois estas estão vigentes apenas e tão somente no momento de ocorrência do comportamento e depois não se fazem mais presentes. Após a ocorrência do comportamento, o ambiente já não é mais o mesmo daquele em que o comportamento ocorreu, o que se observa após a ocorrência do comportamento é algo modificado, interagindo com um novo ambiente que se renova. Assim, as consequências que modelam e mantêm o comportamento operante não estão presentes no ambiente em que ele ocorre, mas se tornaram parte da história desse organismo (Ferreira & Banaco, 2007).

Tanto o ambiente quanto o indivíduo estão em contínua mutação, um em função do outro (Hunziker, 2001). Entendendo isso, busca-se analisar porque determinados comportamentos hoje emitidos pelos indivíduos se perpetuaram no tempo, enquanto que outros comportamentos se extinguíram nesse processo.

Tendo isso em vista, na clínica, procura-se desenvolver a variabilidade comportamental do cliente, capacitando-o para obter reforçadores em diversificados contextos. Algumas condições, porém, tendem a dificultar o alcance de tal variabilidade, muitas das quais estão diretamente relacionadas a contingências passadas de reforçamento, daí a necessidade de análises históricas mais aprofundadas. O conhecimento pelo indivíduo das variáveis de que seu comportamento é função também o deixa em uma posição privilegiada para poder realizar mais facilmente mudanças que o beneficiará (Skinner, 1953/2003). Utiliza-se o conhecimento de variáveis (contingências de reforçamento) históricas para determinar o que será feito em termos intervencionistas para que as mudanças esperadas sejam eficientes e alcançadas de maneira duradoura (Marçal, 2005).

Para que se consiga isso, torna-se necessária também, a identificação e análise de classes amplas de respostas (padrão comportamental) que tenham relação estreita com a queixa alvo do processo psicoterápico. Ao se identificar o padrão comportamental presente, este deverá ser analisado conforme os três níveis de variação de seleção comportamental: o biológico (nível filogenético), a história de reforçamento que o indivíduo esteve exposto (nível ontogenético) e as práticas culturais da comunidade verbal da qual pertence (nível cultural), de maneira a se possibilitar a compreensão mais abrangente e completa sobre como os comportamentos que compõe tal padrão foram adquiridos e estão sendo mantidos.

Baum (1994/2006) observou que há algumas décadas, alguns analistas do comportamento insistem que uma adequada compreensão do comportamento não poderá se dar apenas pela análise das condições atuais às quais o organismo está submetido, mas com o acréscimo de análises contingenciais históricas, alegando que o responder atual, além de eventos presentes, também depende dos eventos passados.

Com esse entendimento, Marçal (2007, 2010) defende que para a análise comportamental não se tornar limitada devido ao enfoque restrito a alguns comportamentos específicos, faz-se necessário uma investigação ampla de modo a identificar relações contingenciais atuais e históricas que contribuíram para a aquisição dos comportamentos alvo do processo psicoterápico e assim permitir a obtenção de melhores parâmetros para o estabelecimento de objetivos clínicos. Para ele, a consideração das contingências atuais com a elaboração de análises funcionais moleculares (“restrita” e “parcial”), auxiliarão na descoberta das variáveis mantenedoras dos comportamentos, porém, não especificarão como essas contingências passaram a controlá-los. A compreensão de tal controle somente será possível, com o auxílio de uma análise molar (“ampla”) e eventos históricos que contribuíram para a aquisição de padrões comportamentais, poderão ser identificados.

Assim, enquanto a análise funcional molecular ou microanálise consiste na análise de um comportamento singular em uma relação contingencial específica, a análise funcional molar ou macroanálise é a compreensão do comportamento no contexto, com a identificação do conjunto de estímulos que influenciaram na história do indivíduo contribuindo para a identificação de padrões comportamentais relevantes para o contexto psicoterápico (Marçal & Dutra, 2010, citado por Costa, 2011).

Em relação à estrutura, a análise funcional molecular é elaborada esquematicamente de modo a descrever respostas que possuem um antecedente e também consequências, além de serem mencionadas a frequência dessas respostas e os efeitos envolvidos na interrelação entre esses eventos. Ela é dividida em quatro partes, cada uma descrita e relacionada com cada evento envolvido. Já na análise molar, encontram-se descritos os padrões comportamentais do cliente também de maneira esquematizada e dividida em cinco partes onde constam as respostas que caracterizam os padrões comportamentais envolvidos, situações em que as respostas ocorreram, história de aquisição, contextos atuais mantenedores e consequências que enfraquecem o padrão comportamental descrito. Nesse tipo de análise esquematizada, os elementos envolvidos estão relacionados ao histórico de vida do cliente.

Portanto, torna-se importante que o indivíduo conheça sua história de vida e compreenda o motivo de ser e agir da maneira que é ou age. Tal conhecimento o possibilitará interferir no seu modo de vida por meio das modificações nas contingências ambientais, seja em nível individual ou cultural, possibilitando-o refazer sua história de forma mais produtiva e planejada. Salienta-se, porém, que as mudanças não deverão ser gerais, pois alguns dos repertórios comportamentais atuais ainda permanecem efetivos e devem ser mantidos, mas vivências a novos contextos poderão ser acrescentadas, condicionando naturalmente novos comportamentos e estímulos e propiciando maiores benefícios (Marçal, 2005).

Diante do que foi exposto sobre a Análise do Comportamento, sua interpretação do comportamento agressivo e as implicações desse, o presente trabalho tem por objetivo discutir as possíveis influências de ambientes familiares violentos no desenvolvimento de padrão comportamental agressivo.

Método

Cliente:

Constância (nome fictício), 52 anos, sexo feminino, pele clara, cabelos curtos e loiros, solteira, com curso superior de educação física e atuante profissionalmente nessa área como *Personal Trainer* (autônoma) e como professora em duas academias de condicionamento físico. Residia em apartamento próprio situado em local com boa valorização imobiliária a poucos quilômetros da capital federal e enquadrava-se na classe socioeconômica média.

A publicação dos dados referentes ao estudo de caso foi previamente autorizada pela cliente por meio de instrumento padrão de autorização para supervisão do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC) conforme modelo apresentado no Anexo 1.

Queixas e Demandas

A cliente queixou-se de dificuldades em lidar com adversidades vivenciadas: ambiente laboral com excessiva estimulação aversiva e pouco reforçador, restrição financeira decorrente de poucas oportunidades profissionais e baixa remuneração e a recente mudança do irmão com quem mantinha maior proximidade afetiva para outro estado. Diante desse contexto vinha experimentado sentimentos desagradáveis como raiva e tristeza, assim como ataques de ansiedade intensa (ataques de pânico em alguns momentos).

Identificou-se que o principal objetivo a ser alcançado era desenvolver repertórios que lhe permitissem lidar melhor com essas e outras adversidades que

eventualmente surgissem, reduzindo limitações nas realizações de atividades cotidianas ou mesmo prejuízos no seu bemestar geral.

Contexto Terapêutico

Os atendimentos ocorreram dentro do espaço interno do Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (IBAC), em um de seus consultórios, uma sala acolhedora, com decoração em tons claros, discretos e bem iluminada. No interior do consultório havia um rack, ventilador de ar, um relógio de parede para o controle do tempo da sessão posicionado estrategicamente atrás do assento da cliente e de frente para o terapeuta, lenços de papel e duas poltronas confortáveis.

Procedimento

Até o momento em que o presente trabalho foi redigido, haviam sido realizadas uma sessão de triagem e outros 29 (vinte e nove) atendimentos ao longo de nove meses e duas semanas. Cada encontro ocorreu semanalmente e perdurava por 50 (cinquenta) minutos.

A partir das informações coletadas nas sessões foram elaborados relatórios institucionais (Anexo 2) após cada sessão, nos quais regularmente (no máximo a cada cinco contatos) eram feitas análises funcionais dos comportamentos emitidos pela cliente no ambiente externo e/ou interno ao instituto.

A primeira sessão foi marcada pela realização de uma entrevista semiestruturada, padrão do instituto, conforme Anexo 3, preenchida pelo terapeuta, não havendo acesso desta pela cliente. Esse instrumento teve por objetivo operacionalizar a queixa e buscar informações sobre o histórico médico e psicológico da cliente. O psicólogo também teve o cuidado de ser cordial e por meio de atitudes

empáticas e escuta não punitiva, criar um contexto propício ao desenvolvimento na cliente de sentimentos de acolhimento e interesse em retornar para o próximo atendimento. Para conseguir isso, o terapeuta sentou relaxadamente e com postura corporal direcionada para a cliente, fez uso de voz modulada, suave e firme, com velocidade moderada da fala, olhou com segurança em direção aos olhos de Constância, balançou a cabeça ocasionalmente, verbalizou em alguns momentos um “hum hum” em sentido de atenção e compreensão ao que lhe era relatado, além de fornecer sorrisos e gestos com as mãos ocasionalmente. Além desse repertório, o profissional também procurou se mostrar afável, honesto e sincero em suas colocações e utilizou-se de questionamentos para o esclarecimento de informações e em demonstração de interesse ao que lhe era relatado, sem emissão ou demonstração de qualquer julgamento, seja verbal ou corporal. Por último e como complementação, foi fornecido um breve esclarecimento sobre a forma de trabalho do analista do comportamento a fim de deixá-la a parte do processo terapêutico (Silvares & Gongora, 1998; Zaro, Barach, Nedelman & Dreiblatt, 1980).

Nos atendimentos iniciais houve preocupação do terapeuta em tornar o contexto agradável e assim facilitar a formação do vínculo com a cliente, estimular sua permanência e engajamento no processo psicoterápico. Tendo isto em vista, nas sessões iniciais o profissional demonstrou interesse e forneceu atenção direcionada ao conteúdo exposto, focando em uma escuta não punitiva e evitando intervenções. O objetivo era o estabelecimento do vínculo e a busca do maior número de informações possíveis sem interrupções desnecessárias do relato apresentado. Assim, buscava-se que o psicólogo e o contexto que tivesse envolvido assumissem característica reforçadora, eliminando variáveis que pudessem interferir de modo prejudicial ao adequado funcionamento desse processo, nesse caso, algum possível

subproduto decorrente de eventos presentes que pudessem ter assumido caráter de estimulador aversivo (Edelstein & Yoman, 1996; Moreira & Medeiros, 2007; Silvares & Gongora, 1998; Zaro, Barach, Nedelman & Dreiblatt, 1980).

Nos demais atendimentos deu-se continuidade a coleta de dados, os quais foram utilizados na realização de análises funcionais para o entendimento da dinâmica comportamental presente. Além disso, outros recursos terapêuticos foram utilizados, os quais encontram-se descritos no tópico intervenções realizadas, como forma de desenvolver o autoconhecimento na cliente, a autoobservação de seus comportamentos e análises contextuais dos mesmos, assim como promover modificações comportamentais de modo a favorecer o desenvolvimento de repertórios assertivos.

Resultados

1. Contingências no início do processo terapêutico

Na ocasião em que procurou atendimento psicológico, a cliente encontrava-se exposta a circunstâncias altamente aversivas, seja no ambiente laboral, familiar, social ou mesmo amoroso. Somado a isso, quantidades insatisfatórias de atividades reforçadoras e muitas vezes quando presentes de baixa magnitude, contribuíram para a insatisfação emocional objeto da queixa.

No tocante a dinâmica comportamental, após a coleta de dados tornou-se evidente a existência de um repertório de pouca variabilidade comportamental que impedia o alcance de mudanças significativas e diminuição do sofrimento que apresentava. Dentre os comportamentos alvos identificados, estavam respostas controladoras, agressivas e queixosas que permaneciam em alta frequência e déficits em habilidades interpessoais com ocorrência insuficiente.

O Quadro 1 demonstra por meio da análise funcional, as circunstâncias em que os comportamentos considerados alvo de mudança pelo terapeuta por produzirem elevada estimulação aversiva e poucos reforços eram emitidos, as consequências produzidas nesses contextos e os efeitos decorrentes. Para uma melhor compreensão, os processos comportamentais e influência destes sobre a resposta emitida (aumento ou diminuição da frequência) também foram inseridos.

Antecedentes	Respostas	Consequências/Processos	Efeitos
Diante de situações aversivas no ambiente laboral, familiar, social e amoroso.	Reagia com agressividade; Queixava-se constantemente; Mantinha-se passiva; Cortava gastos; Isolava-se socialmente (por exemplo: evitava sair para bares e evitava sair para tomar sol).	Críticas (P+/\↓); Pessoas se afastavam (P-/\↓); Perda de reforçadores (P-/\↓); Os problemas continuavam (P+/\↓); Ocasionalmente recebia atenção (R+/\↑); Economizava dinheiro (R-/\↑).	Raiva; Tristeza; Insônia; Indisposição; Sintomas relacionados à ansiedade.

Quadro 1. Análise funcional das contingências de reforçamento a que a cliente encontrava-se exposta ao procurar apoio terapêutico. **P+** refere-se à punição positiva; **P-** à punição negativa; **R+** reforçamento positivo; **R-** reforçamento negativo; \downarrow diminuição na frequência do comportamento; e \uparrow aumento na frequência do comportamento.

2. Controle instrucional

Muitas dificuldades apresentadas pela cliente estavam relacionadas ao controle exercido por regras, sejam familiares ou por ela criadas, dificultando a aquisição de um repertório comportamental variado e apropriado para mudar condições presentes que lhe geravam sofrimento (insensibilidade às contingências). Dentre as observadas, abaixo se encontram listadas quatro regras que mais se destacaram por exercerem forte controle sobre seu comportamento cotidianamente:

- “Não consigo ficar bem. Será que um dia isso irá ocorrer?” Verificou-se que essa concepção predominava na percepção que tinha dos fatos cotidianos que vivenciava, com foco nas perdas e negligência de ganhos ou benéficos alcançados;
- “Tenho que descobrir que doença é essa que me causa tamanho sofrimento.”

A idéia da existência de uma patologia que justificasse tamanho sofrimento,

tornava-se oportuna para uma visão autoexigente da cliente de modo que possivelmente se tornava uma alternativa de esquivar que acabava por diminuir a culpa e responsabilização frente às dificuldades experimentadas;

- “Deveria ter feito mais por minha mãe. Falhei como filha.” Essa autoregra vinha lhe acompanhando desde o falecimento de sua mãe e ocasionava grande emoção e culpa ao reviver o tempo que permaneceu afastada do convívio materno e não prestou auxílio afetivo a ela. Tal percepção influenciava diretamente a atenção desmedida que fornecia ao pai e irmãos, a ponto de ocasionar prejuízos no bem estar;
- “Preciso arrumar um emprego bem remunerado e estável. Somente assim me sentirei melhor e segura na minha profissão”. Tal visão dificultava o reconhecimento, pela cliente, dos benefícios que obtinha com as atividades profissionais que desempenhava durante o processo psicoterápico e contribuía para o aumento de suas insatisfações.

3. Histórico familiar

Constância nasceu em uma família com relativa estabilidade econômica. O pai desde sua concepção foi proprietário e gerenciava uma oficina mecânica, atividade que conservava até a elaboração desse trabalho, enquanto a mãe ocupava-se com os afazeres domésticos, os cuidados e educação dos filhos e dava o suporte necessário para a manutenção da atividade do marido. Referiu-se a eles como exemplos de pessoas trabalhadoras, pois eram muito engajados e eficientes nas suas ocupações. Os genitores conviveram matrimonialmente por cerca de 14 anos e dessa união nasceram quatro filhos, três homens (47, 53 e 57 anos) e Constância, que foi a terceira ao nascer em ordem cronológica. Também possuía uma irmã com

aproximadamente 20 anos da união do pai com a mulher com quem morava na ocasião em que esses dados foram coletados. A relação conjugal dos pais era conflituosa e as brigas frequentes eram presenciadas pela cliente e os irmãos, geralmente decorrentes da displicência conjugal paterna e de insatisfações da genitora com o pouco carinho e atenção recebidos do companheiro. Este mostrava-se inabilidoso afetivamente e demonstrava menos sentimentos quanto à manutenção familiar, centrava-se no trabalho para garantir o sustento da família e negligenciava outros aspectos importantes do relacionamento, como a demonstração de carinho a esposa. A mãe por sua vez, mostrava-se privada afetivamente e requisitava de maneira inassertiva a atenção que lhe faltava. Outro ponto que também contribuía para os frequentes conflitos era a forma inabilidosa com que ela lidava ao sentir ciúmes do marido quanto ao assédio que recebia de outras mulheres.

Essas brigas rotineiras acabaram por desgastar a relação e culminar no rompimento matrimonial, porém, mesmo assim os filhos continuaram a presenciar atitudes hostis parentais. Após a separação formal, a genitora requisitou o apoio dos filhos e afastamento destes do pai, atitude que não foi adotada pela cliente que optou em manter proximidade com o genitor. Como consequência, também passou a ser hostilizada pela mãe, contribuindo para a intensificação e aumento da adversidade ambiental, favorecendo sua busca por independência financeira e afastamento familiar.

Apesar de tal vivência conflituosa ter ocasionado influências danosas nos filhos que presenciaram essas discussões, eles eram bem assistidos no tocante a outros cuidados e necessidades dentre os quais, alimentação e vestimentas. A genitora, por exemplo, mostrava-se bem paciente com as crianças, escutando relatos trazidos de seu cotidiano, acompanhando-os nos estudos e participando de brincadeiras com os

filhos. Ela, porém, não era muito “sentimental” ao demonstrar carinho, ao contrário do pai, que era mais carinhoso no contato físico com os filhos. No entanto, o pai assumia-se muito crítico, agressivo, controlador e exigente com eles. Não havia diferenciação no tratamento dado a ela ou aos irmãos e exigia deles de modo ofensivo e agressivo um desempenho exemplar nos estudos e principalmente nas atividades esportivas. Quando não estudavam ou se portavam da maneira esperada, os agredia, ofendia com desqualificações e humilhações, atitude que gerou mágoas nos meninos ainda depois de alcançarem a maturidade. A cliente em particular, percebia-se menos criticada pelo fato de se destacar em termos de desempenho e conduta, além de adotar uma postura de enfrentamento nas ocasiões em que era agredida pelo pai. Verbalizou em um dos atendimentos que se sentia acuada, tanto pelas exigências e agressões paternas, quanto pelas hostilidades maternas para manter proximidade com o pai após a separação. Caracterizou essa fase de sua vida como “péssima”.

Torna-se importante ressaltar também, que essa dinâmica familiar possivelmente repercutiu na maneira dela e irmãos relacionarem-se amorosamente, assumindo posturas exigentes quanto à atenção, comportamentos queixosos em relações a dificuldades vivenciadas e muitas vezes agressivas no tratamento com seus parceiros amorosos/sexuais. A cliente, em particular, durante sua infância mostrava-se agressiva ao lidar com as pessoas, sejam os pais, irmãos, professores, orientadores ou conhecidos em geral. Aparentemente, tal postura agressiva e de enfrentamento evitava críticas demasiadas paternas, mas também lhe afastava de outras pessoas e mesmo contribuía para a relação hostil estabelecida com a genitora após o rompimento do casamento com o pai.

Um contexto diferenciado na convivência entre mãe e filha se deu tempos depois que a cliente saiu de casa, afastou-se da família e tornou-se independente financeiramente (aproximadamente aos seus 30 anos). Por volta dos 42 anos de vida, ao passar por grandes dificuldades econômicas, na saúde e em outras áreas da vida, solicitou apoio materno e voltou para a casa dela. Dessa vez, ao encontrar-se fragilizada emocionalmente, assumiu uma postura submissa no trato com a mãe, diferente da que adotara na sua infância e adolescência. Provavelmente tal conduta foi significativa para a forma amistosa e de apoio que a genitora respondeu ao acolhê-la, mudando a concepção que a cliente tinha tido até então. Essa segunda fase na convivência entre as duas possibilitou à Constância sentir-se tratada de maneira diferenciada por sua mãe, que lhe forneceu apoio e atenção durante o período que estiveram novamente juntas. Certo tempo depois, a mãe veio a óbito e diante de sua perda, a filha experimentou sentimentos de remorso e culpa por acreditar não ter fornecido o apoio que considerava adequado, sensações estas que a acompanhavam até a ocasião em que buscou apoio terapêutico e que repercutiam na forma de se relacionar com o pai e irmãos, adotando diante desses uma postura atenciosa e permissiva (empréstimos financeiros e apoio emocional) que lhe geravam prejuízos financeiros, emocionais e físicos ao envolver-se demasiadamente com os problemas deles.

Apesar da aproximação afetiva ocorrida com sua mãe, durante essa outra fase que morou com ela, era tratada com desprezo e agressividade exacerbada pelos dois irmãos mais novos que residiam com a genitora. A relação era conflituosa devido a mágoas que eles tinham dela quanto o fato de afastar-se da família e não fornecer apoio afetivo ou financeiro a mãe durante o período que a cliente gozava de independência e cômoda situação econômica. Tal relação hostil propiciou,

novamente, sua saída da casa de sua mãe assim que conseguiu as chaves do apartamento que havia financiado. Dessa vez, porém, ao ter conseguido morar em imóvel próprio e alcançado nova estabilidade financeira, influenciada pela mudança alcançada na relação com a genitora, passou a fazer visitas frequentes a ela e irmãos, fornecendo apoio financeiro a eles e mudando com isso a relação conflituosa com os irmãos, aproximando-se deles e cessando as hostilidades.

4. Histórico acadêmico profissional

Em relação ao ambiente acadêmico, por influência das exigências de desempenho e críticas do pai, se destacou na escola, principalmente nas atividades esportivas, evitando, assim, as “chamadas de atenção”. Era meticulosa e o apreço que desenvolveu pelos esportes estimulou a escolha do curso superior de educação física.

No final da faculdade, começou a atuar em academias de renome do Distrito federal. Além dessas, trabalhou em um cartório de registro de notas, exerceu sua profissão no projeto vila olímpica com a preparação de atletas para participação em jogos esportivos nacional e internacionalmente e pela secretaria de educação no sistema socioeducativo com atividades físicas destinadas a menores que cumpriam medida socioeducativa de internação provisória.

Recentemente ao seu ingresso na terapia e apesar de não ter sido seu foco, trabalhou em outras academias de condicionamento físico, recebendo salários inferiores aos esperados. Tanto na vila olímpica, na socioeducação, como nas últimas academias trabalhadas, teve dificuldades ao lidar com variadas adversidades presentes, dentre as quais, ambientes muito exigentes, punitivos, pouco valorativos e convivência com chefias e funcionários que não simpatizavam com seu jeito de agir, acabando por lhe ocasionar prejuízos. Nesses locais, mesmo existindo pessoas que

tenham agradado quanto a sua postura, algumas outras e principalmente os superiores sentiam-se intimidadas e inseguras diante de sua vasta experiência profissional e de seu perfil agressivo, questionador e argumentativo frente a orientações recebidas que não concordava.

Até a coleta desses dados, encontrava-se vinculada a duas academias de condicionamento físico como professora e exercia de forma autônoma sua profissão dando aulas particulares como “*personal trainer*”.

5. Histórico social

Como mencionado anteriormente, supõe-se que a convivência conflituosa, postura hostil, crítica e exigente dos pais favoreceram o desenvolvimento de comportamentos agressivos adaptativos pela cliente frente as mais variadas pessoas. Tal postura contribuiu para a manutenção de certo distanciamento dos colegas de escola recebendo críticas regulares desses quanto a sua forma particular de agir. Dos 14 aos 31 anos de vida, ao sofrer com um processo de adoecimento decorrente de um mau funcionamento hormonal, começou a ter dificuldades significativas nos estudos, perdendo constantemente a memória, fato que também lhe ocasionou dificuldades na assimilação de conteúdos, baixo desempenho nas provas e novas críticas vindas de alunos, professores, pai e irmãos. Nesses anos, como não havia sido diagnosticada corretamente e iniciado o tratamento apropriado, mantinha-se inchada com retenção líquida, sendo desvalorizada e criticada pelo aspecto físico (rotulada de feia pelos homens). Após a descoberta da patologia que possuía, início do tratamento adequado, aumento de sua disposição, redução significativa do volume corporal e o estreitamento de sua silhueta, passou a investir na sua forma física e foi considerada

uma das mulheres mais desejadas e requisitadas, seja para relacionamento ou participação em eventos da capital federal.

Outro aspecto que provavelmente favoreceu a manutenção de seu padrão agressivo, diz respeito ao tempo que morou em uma casa localizada no setor de oficinas de um grande centro urbano próximo a capital federal. Por ser um setor específico, muitas das pessoas com as quais tinha contato eram trabalhadores locais, que em sua quase totalidade, eram homens indiscretos, com características machistas, que constantemente a assediavam de maneira indiscreta quando transitava pelo local. A postura agressiva que adotava ao ser assediada, acabava por diminuir os inconvenientes que sofria desse público, ocasionando a manutenção do padrão.

6. Histórico médico e psicológico

A partir dos 14 anos de idade, começou a apresentar problemas crônicos de saúde, permanecendo assim até os 31 anos. No decorrer desse período, sofreu muito com os problemas ocasionados pela deficiência hormonal, advindos do processo de atrofia da glândula tireoide. Usou o termo “arrastar” (possível depressão) para referir a maneira como agia na sua rotina, seja nos estudos ou em outras atividades diárias. Chegou a não conseguir andar ao ter prejuízos no equilíbrio, utilizando-se, durante certo tempo, de uma cadeira de rodas para se locomover. Mesmo com as limitações individuais, conseguiu terminar o segundo grau, passar no vestibular, se formar e trabalhar em uma famosa rede de academias do Distrito Federal.

Aos 31 anos de idade, como uma “guinada” no seu estilo de vida (usou o termo “divisor de águas”), mencionou que uma das alunas da academia, que era endocrinologista, notou que ela apresentava sintomas evoluídos de problemas na tireoide (hipotireoidismo), convidando-a a seu consultório e lhe prescrevendo alguns

exames. Depois de confirmada a suspeita dessa médica e com uma investigação mais detalhada, descobriu-se que possuía uma doença autoimune chamada de Síndrome de Sjogren, caracterizada por desencadear atrofia de algumas glândulas do corpo como a tireoide, lacrimal, salivar e parótidas por exemplo. Começou a fazer uso de medicamentos para reposição hormonal e apresentou significativas melhorias na qualidade de vida.

Além de hipotireoidismo e síndrome de Sjogren, Constância também foi diagnosticada com lúpus eritomatoso sistêmico, herpes zoster e síndrome do Pânico. Sua condição de saúde se mostrou estável durante a terapia e sem manifestações das duas primeiras condições patológicas. A respeito do herpes, ocasionalmente se manifestava quando notava-se a diminuição da efetividade de sua imunidade. Aparentemente, seu estado imunológico estava relacionado a crises de ansiedade que vinha tendo frente às dificuldades que vivenciava. A respeito dos ataques do pânico, apesar dos indícios de que sua ocorrência estava relacionada à intensificação da ansiedade, fazia certo tempo que esta condição não se manifestava, aparentemente pelo auxílio psicoterápico e devido ao uso que fazia de um poderoso fármaco ansiolítico (clonazepam) para combate e estabilização de picos de ansiedade.

7. Relacionamentos funcionalmente relevantes

No tocante aos relacionamentos amorosos, considerou ter iniciado suas experiências afetivas mais tarde que outras mulheres de sua geração. Provavelmente sua postura agressiva na forma de se portar e a aparência física pouco valorizada, decorrentes de seu problema hormonal influenciaram nesse aspecto. O primeiro beijo foi dado por volta dos seus 22 anos com o primeiro namorado. Esse namoro não perdurou e aos três meses de convivência, por não gostar dele, optou em terminar o

relacionamento. O segundo, no qual perdeu a virgindade, ocorreu quando tinha 25 anos e totalizou 8 anos, descontado certo período que permaneceram afastados no decorrer do relacionamento. Alegou ter estado apaixonada por esse namorado a ponto de mesmo após ter descoberto que era um homem casado, optar em manter a relação com ele na qualidade de amante. Tinha expectativas de casar-se com ele, o que era estimulado pelas constantes verbalizações dele de insatisfações no matrimônio e intenções no divórcio. Apesar de suas expectativas, foi ela quem findou a relação após ele ter concretizado a separação, permanecendo certo tempo com ela e depois ter se casado novamente com outra mulher. O terceiro namoro aconteceu no intervalo entre o término e retorno que ocorreu durante a segunda relação. Considerou esse um dos melhores parceiros amorosos em termos de afinidades, pois tinham interesses bem semelhantes, o que facilitava a realização de programas juntos, além de considerá-lo um homem educado e que tinha interesse em um futuro casamento. A continuidade e evolução do namoro não ocorreu devido à dificuldade dele em satisfazê-la sexualmente (consideração da cliente). Após o término do segundo relacionamento, o mais duradouro até então, por volta de seus 33 anos, permaneceu certo período sem namorar e se relacionando sexualmente com outro homem que lhe satisfazia nesse quesito. Mesmo com a satisfação sexual, uma relação amorosa mais duradoura não foi construída pelo fato do parceiro, segundo ela, ficar inseguro diante da beleza física que ela esbanjava na ocasião e de ser demasiadamente ciumento quanto à possibilidade de uma traição da parte dela, mesmo que infundada. Por volta de seus 40 anos de idade, namorou mais uma vez, relação da qual ficou grávida, mas que devido a problemas na gestação (complicações do lúpus) culminou na perda do bebê. Com sua fragilização emocional decorrente dessa perda, não conseguiu dar continuidade ao

relacionamento da forma que gostaria e o namorado optou em terminar logo após a perda neonatal. Poucos anos depois, conheceu o namorado com quem estava junto há 10 anos até a ocasião do acompanhamento psicoterápico.

A respeito desse namorado, mantinha uma convivência insatisfatória com conflitos ocasionais, na maioria das vezes iniciadas por ela devido algumas insatisfações com a conduta dele, principalmente em relação à falta de apoio em momentos em que encontrava-se fragilizada e por não tê-la assumido como esposa. Este último ponto em particular era o maior motivo das contrariedades, verbalizando em variadas ocasiões durante a terapia a necessidade de um relacionamento que lhe transmitisse segurança e apoio quando entrasse na velhice ou lhe desse suporte quando passasse por problemas de saúde. O namorado em particular, demonstrava ser ela a mulher que queria ao seu lado, mas mostrava-se receoso quanto à forma agressiva que agia com ele. Ele era originário de uma família também conflituosa com hostilizações da mãe para com o pai e da irmã para com o marido. O namorado também tinha seus momentos de agressividade e assim agia principalmente em momentos que era cobrado pela parceira ou quando verbalizava estar cansado dos comportamentos agressivos dela. Eles apresentavam planos de morarem juntos assim que ele terminasse a casa que estava construindo em um lote que recebeu de herança paterna. Mesmo estando em fase de acabamento, as instalações do imóvel ainda impediam que morassem juntos no local. Mesmo com essas expectativas, ambos demonstravam resistências quanto a divisão de moradia por aparentemente sentirem dificuldades em lidar com as características individuais de cada um e acreditarem em uma futura convivência cotidiana de difícil satisfação e permeada por brigas.

8. Análises funcionais moleculares

Por meio da interação terapeuta cliente e coleta de dados, a partir dos relatos obtidos nos atendimentos foram feitas análises funcionais dos comportamentos relacionados com as dificuldades foco do processo psicoterápico. O Quadro 2 mostra de maneira esquematizada algumas contingências às quais cliente estava exposta.

Nele encontra-se esquematizado, como em variadas ocasiões com o namorado, a cliente adotava uma postura crítica em relação aos comportamentos emitidos por ele, as quais desaprovava. Em algumas ocasiões como essas, o namorado mostrava-se passivo e modificava suas atitudes em correspondência ao que ela esperava, mas em outras circunstâncias, no entanto, era agressivo e chegava a terminar o relacionamento. Logo, ela obtinha consequências diferenciadas para uma mesma classe de comportamentos, ora obtendo a satisfação de seus interesses e às vezes presenciando reações desagradáveis da parte do companheiro.

No ambiente laboral, Constância também agia com agressividade perante sua chefia e superiores, atitude que lhe ocasionava prejuízos, como críticas dos chefes, colegas de trabalho e até mesmo vindo a perder o emprego.

Já no meio religioso, os comportamentos agressivos eram emitidos perante o líder religioso quando se encontrava descontente com alguma regra institucional ou por não agradar-lhe as pregações dele nos cultos. Como consequência, após proferir suas críticas, recebia o contra ataque dele, que não demonstrava interesse na flexibilização das regras religiosas existentes e a criticava quanto a sua situação amorosa.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos/ Efeitos
Em variadas ocasiões de conflito/descontentamento com o namorado.	Criticava-o com rispidez por: Operar o aparelho celular; Estar desarrumado próximo ao horário de saírem; Não assumir um casamento com ela.	Ele parava de operar o celular; Ele ia tomar banho e se arrumar; Ocasionalmente brigava com ela; Algumas vezes terminava o relacionamento.	R+ / ↑ R+ / ↑ P+ / ↓ P+ e P- / ↓
Em ambiente laboral diante da chefia, em situações de conflito/descontentamento.	Criticava com rispidez a chefia por não adotar a postura que desejava; Questionava ofensivamente algumas decisões tomadas; Demonstrava com indiscrição seu descontentamento; Demonstrava resistência em acatar orientações.	Tinha perdas de benefícios no trabalho; Perdia promoção de cargo; Recebia críticas da chefia e de outros funcionários; Era demitida.	P- / ↓ Ext. / ↓ P+ / ↓ P- / ↓
Na igreja com o pastor, em situações de conflito/discórdia/descontentamento.	Criticava o fato de não poder participar em parte das atividades religiosas; Cruzava os braços, franzia a testa, fitava os olhos de maneira indiscreta e em sinal de desaprovação.	O pastor reforçava a regra institucional; Críticas do pastor por não participar das atividades institucionais e por não ser casada.	P+ / ↓ P+ / ↓

Quadro 2 – Comportamentos agressivos e contingências em que tais comportamentos estavam envolvidos. **R+** refere-se à reforçamento positivo; **P+** à punição positiva; **P-** punição negativa; **Ext.** extinção; **↑**- aumento na frequência do comportamento; e **↓** - diminuição na frequência do comportamento.

9. Análises funcionais molares

Concluídas as análises funcionais micro e levando-se em consideração a história de vida da cliente, pôde-se compreender a provável origem de seu padrão comportamental agressivo.

No quadro 3 é possível visualizar como a vivência de um histórico permeado por modelos parentais e familiares queixosos, críticos e agressivos, que mostravam-se muitas vezes exigentes para com ela, a ausência de modelos de assertividade, ambientes pouco favoráveis ao desenvolvimento de habilidades sociais, condição patológica favorecedora de agressividade, carência afetiva, atenção materna e social quando doente, dentre outros, provavelmente favoreceram o desenvolvimento de padrões comportamentais deficitários na produção de reforçadores importantes. As análises feitas indicaram que esses padrões eram mantidos na ocasião da terapia, pela permanência de um meio familiar queixoso, repertório comportamental limitado, contexto laboral competitivo, desvalorativo, punitivo e queixoso, isolamento e restrição social, com poucos modelos de assertividade e presença de um namorado ora submisso, ora agressivo ou queixoso, que pouco contribuíram para a mudança de tal padrão.

Além das considerações feitas, ainda nos Quadros 3 e 4, ao se analisar a funcionalidade de tais padrões, constatou-se que aparentemente a ocorrência desses, mesmo sendo desfavorecidas ao produzirem críticas e afastamento de pessoas próximas, desgastes no relacionamento amoroso e prejuízos no trabalho, também eram fortalecidos ao desencadearem ganhos como atenção das pessoas com as quais

convivia, encerramento de embates desagradáveis, diminuição de ocupações inconvenientes ocasionadas pelos familiares, bem como o alcance de alguns interesses pessoais.

Comportamentos	História de aquisição	Condições atuais mantenedoras	Csqs que fortalecem o padrão	Csqs que enfraquecem o padrão
Criticava com rispidez; Constrangia pessoas; Questionava ofensivamente a tomada de decisões; Reagia ostensivamente e ao descontentar-se; Julgava e ofendia pessoas (irmãos, colega de escolas).	Pais e irmãos críticos e agressivos; Ausência de modelos de assertividade; Condição orgânica favorecedora de agressividade (hipotireoidismo/síndrome de Sjögren); Assediada de maneira ofensiva por homens; Criticada e desqualificada no ambiente acadêmico; Relacionamentos amorosos abusivos e agressivos.	Namorado submisso e agressivo; Ambiente laboral competitivo, desvalorativo e punitivo; Restrição e isolamento social; Insuficiência de modelos assertivos.	Namorado parava de discutir; Recebia atenção do companheiro; Encerrava embate com algumas pessoas; Pessoas cediam aos seus interesses.	Afastava as pessoas e o namorado; Críticas do namorado e outras pessoas; Desgaste no relacionamento; Prejuízos no trabalho; Os problemas persistiam.

Quadro 3. Continências de reforçamento históricas que favoreceram o desenvolvimento de um padrão comportamental agressivo na cliente.

Comportamentos	História de aquisição	Condições atuais mantenedoras	Csqs que fortalecem o padrão	Csqs que enfraquecem o padrão
Queixava-se com as pessoas de seu mal estar; Reclamava da postura do namorado; Queixava-se das atitudes dos irmãos; Reclamava de variadas dificuldades na vida.	Modelos parentais queixosos; Irmãos queixosos; Histórico de adoecimento; Ambiente pouco favorável ao desenvolvimento de habilidades sociais; Carência afetiva e atenção materna e social quando doente.	Poucos modelos de assertividade; Contexto familiar queixoso; Repertório comportamental limitado; Contexto social restrito; Contexto laboral queixoso; Namorado com postura queixosa.	Ocasionalmente tinha atenção dos familiares, namorado e terapeuta; Diminuição de sua ocupação pelos familiares; Diminuição da culpa por não estar bem; Atenção no ambiente religioso.	Afastamento dos amigos e namorado; Críticas e conflitos com o namorado; Mudança de foco pelo terapeuta; Os problemas continuavam.

Quadro 4. Continências de reforçamento históricas que favoreceram o desenvolvimento de um padrão comportamental queixoso na cliente.

10. Relação terapêutica

Ao se analisar a relação terapêutica no decorrer dos atendimentos realizados, ficou perceptível a emissão frequente de comportamentos relacionados às atitudes a serem modificadas e que foram considerados pelo terapeuta de elevada importância ao estarem diretamente relacionados as dificuldades foco da terapia. Esses eram, na maioria das vezes, comportamentos queixosos relativos a insatisfações nas áreas

econômica, laboral, amorosa e familiar, que por diversificadas vezes foram emitidos no início dos atendimentos quando era questionada sobre fatos vivenciados no espaço entre as sessões. Inicialmente, era reforçada com a atenção do terapeuta que demonstrava interesse em abordar tais assuntos. Com o passar do tempo e identificação de tal postura inapropriada, o psicólogo passou a reforçar diferencialmente os comportamentos emitidos que concorriam com o relato queixoso, demonstrando maior interesse e ênfase em assuntos considerados assertivos e valorizados socialmente ou repertórios necessários para a evolução do processo psicoterápico. O objetivo estabelecido foi a diminuição do relato queixoso com o aumento na frequência de outros comportamentos, alguns deles concorrentes, que propiciavam a aquisição de um maior número de reforçadores.

Além do relato queixoso, ocasionalmente emitiu comportamentos controladores relativos a mudanças de horários e algumas manifestações de agressividade quando trazia relatos sobre interações com familiares e namorado. Em algumas desses momentos, o terapeuta procurou realizar pontuações com o intuito de estimular a autoobservação da cliente sobre às posturas corporais que assumia e as consequências dessas nos diálogos com as pessoas que convivia.

Em menor incidência que as queixas, mas também relevantes, foram os comportamentos relacionados a melhorias na postura de Constância. Nas sessões, durante as pontuações do terapeuta, reconheceu algumas atitudes inadequadas que teve sem demonstrar agressividade e mostrou-se aberta à discussão do assunto. Também destacou, em outras ocasiões, as qualidades que possuía e variados aspectos agradáveis presentes em seu cotidiano. Imediatamente a emissão desses comportamentos, era reforçada pelo terapeuta (atenção e elogio principalmente), que procurava explorar tais situações e analisá-las funcionalmente de modo a torná-la

cada vez mais sensível as consequências produzidas, fortalecendo-o e propiciando novas ocorrências desses comportamentos.

Por último, pouco frequentes e que gradativamente aumentaram sua ocorrência, foram as respostas que basicamente constituíam em análises dela sobre as atitudes que apresentava. Observou que em algumas situações, vinha reproduzido o comportamento que desqualificava em sua mãe quando tratava seu pai com agressividade. Notou que estava tratando o namorado da mesma maneira. Em outra situação, concluiu que estava se queixando em demasia e não reconhecia os ganhos alcançados, postura essa que afastava os colegas e o namorado. Quando ocorreram, essas atitudes também foram valorizadas pelo psicólogo que a acompanhava, favorecendo o aumento de sua frequência em situações posteriores.

11. Variáveis motivacionais para a mudança

Já nos atendimentos iniciais, Constância demonstrou motivação para o processo psicoterápico, tendo apresentado assiduidade exemplar, que se manteve até a sessão imediatamente anterior a elaboração desse material. Tal contexto é compreendido ao se analisar o histórico de contingências aversivas e pouco reforçadoras que foi exposta. Mesmo com sua diminuição, tais contingências ainda permaneciam presentes em seu cotidiano.

Quando buscou pela terapia, a cliente não conseguia lidar eficazmente com as adversidades que vivenciava de modo que essas não lhe ocasionassem transtornos e sofrimento significativo. Na ocasião, haviam poucas oportunidades disponíveis no campo profissional o que contribuía para que permanecesse em um ambiente laboral excessivamente aversivo, pouco reforçador e com baixa remuneração financeira, estimulando-a cada vez mais reduzir gastos e optar pelo corte nas despesas,

principalmente as relacionadas a sua participação em atividades sociais e de lazer. Esse isolamento social e restrição nas opções de lazer propiciavam além da privação, a diminuição na exposição de Constância a novos contextos que eventualmente poderiam contribuir para a modelação (comportamento imitativo a partir do contato com respostas de um indivíduo modelo) e modelagem de repertórios comportamentais adaptativos assertivos e que a auxiliassem na redução dessas dificuldades e no acesso a maior número de reforçadores.

O distanciamento geográfico do irmão mais novo, sobrinhos e cunhada também foi outro ponto que gerou significativa perda afetiva e dificuldades para a manutenção de seu bemestar geral, pois em decorrência da proximidade afetiva entre ela, irmão e sobrinhos, o contato e visitas que mantinha rotineiramente com eles possuíam elevado valor reforçador, que com a mudança acabou por se extinguir. Isso provavelmente gerou relevante estado de privação em constância e aumentou seu sofrimento.

Em decorrência da ampliação dos estímulos aversivos presentes começou a sentir efeitos amplamente incômodos como raiva, tristeza, insônia, indisposição e ansiedade intensa, culminando em episódios ocasionais de síndrome do Pânico, condição essa, que foi diagnosticada por um profissional de psiquiatria que lhe indicou a psicoterapia.

Com o início do processo psicoterápico, a atitude empática e atenciosa do terapeuta passou a ser uma poderosa fonte reforçadora para a cliente que se encontrava privada de reforçadores afetivos e sociais. Com o transcorrer da terapia, algumas regras que exerciam controle sobre as atitudes de Constância foram questionadas o que a tornou sensível as contingências em vigor, propiciando mudanças produtoras de reforçadores importantes. As exposições dela a novos

contextos também auxiliaram na ampliação de seu repertório comportamental e consequentemente repercutiram auxiliando na diminuição da estimulação aversiva e nos efeitos desagradáveis que manifestava, tornando o processo psicoterapêutico ainda mais reforçador.

Logo, analisando todo esse contexto, notou-se que as sessões tiveram papel importante na melhoria da qualidade de vida da cliente, contribuindo para a redução da estimulação aversiva e assumindo supostamente, relevante valor reforçador, aumentando a frequência e engajamento no processo com um todo, aspecto constatado pela assiduidade que apresentou nos atendimentos.

12. Objetivos terapêuticos

De uma maneira geral, os objetivos traçados visaram o desenvolvimento, aumento na frequência e variabilidade de habilidades interpessoais por parte de Constância, de modo a garantir a satisfação de necessidades particulares e propiciar repertório comportamental que produzisse maior quantidade de reforçadores e diminuição na estimulação aversiva ao agir diante das adversidades encontradas. Essa visão vai de encontro à abordagem Construcional de Goldiamond (1974), proposta na qual, por meio do auxílio de um questionário para a obtenção de informações específicas (questionário Construcional de Goldiamond), procura-se resolver situações problemas vivenciadas pelo cliente (queixa) a partir da construção de novos repertórios ou reformulação dos já existentes, de modo que com o estabelecimento de maneiras alternativas e de maior eficiência (baixa estimulação aversiva) para o alcance de reforçadores, essas tentem a substituir antigos padrões comportamentais nas situações em que esses ocasionam transtornos (prevalência de punidores e pouco reforçadores) ao indivíduo. O foco portanto, é na construção de

repertórios e não na eliminação dos já existentes (Gimenes, Andronis, & Layng, 2005). Abaixo encontram-se listados objetivos que pontualmente foram trabalhados:

- Criar condições que favorecessem o bemestar geral, evitando prejuízos para a saúde dela (monitoramento da condição física com a realização de exames e acompanhamento médico rotineiramente, inclusão e ampliação de atividades reforçadoras e melhorias na alimentação);
- Fornecer apoio e condições para que autoinduzisse estado de relaxamento em circunstâncias que apresentasse ansiedade elevada ou que tivesse dificuldades para dormir;
- Estimular a exposição a contextos com baixa probabilidade de consequências aversivas e alta prevalência de reforçadores, de modo a diminuir o isolamento social e perda de reforçadores;
- Estimular a reflexão e o questionamento de regras imprecisas (descrições equivocadas/inexatas de relações entre contingências) por parte da cliente de modo a sensibilizá-la quanto as contingências vigentes e assim favorecer o alcance de mudanças importantes que propiciassem diminuição do sofrimento apresentado;
- Desenvolver o autoconhecimento (Origens e prejuízos decorrentes dos comportamentos emitidos);
- Facilitar o desenvolvimento, autoaceitação e reconhecimento das dificuldades e limitações pessoais de modo a contrapor comportamentos exacerbados relativos a autoexigência e desempenho pessoal;
- Desenvolver repertório de solução de problemas e assertividade, bem como treinar estratégias eficazes para lidar com situações problemas como alternativa ao uso de comportamentos agressivos;

- Estimular a autoobservação, favorecendo a sensibilidade às contingências que estavam em vigor;
- Estimular a busca por atividades laborais que propiciassem retorno financeiro satisfatório e valorização profissional.

13. Intervenções realizadas

Como mencionado no procedimento, nas sessões, houve a constante preocupação do terapeuta em tornar o ambiente terapêutico agradável com vistas a facilitar a formação do vínculo com a cliente e estimular sua permanência e engajamento no processo psicoterápico. Assim, procurou demonstrar interesse e fornecer atenção direcionada ao que fora relatado, fazendo uso de escuta não punitiva, eliminando qualquer julgamento de valor e evitando intervenções desnecessárias.

Com o passar das sessões, a coleta de dados cada vez mais abrangente, a elaboração das análises funcionais e a devolutiva destas para a cliente, outros recursos terapêuticos foram agregados. Além do desenvolvimento do autoconhecimento e da autoobservação por meio das análises das consequências dos comportamentos emitidos nos diversificados contextos em que ocorriam, repertórios adaptativos produtores de maior quantidade de reforçadores e que auxiliavam na diminuição de estimulação aversiva foram adquiridos. Seguem os recursos utilizados nas 29 sessões:

- Levantamento de dados sobre as contingências de reforçamento históricas e atuais que a cliente esteve exposta e identificação de quais eram as prováveis variáveis responsáveis pela aquisição de comportamentos e regras relevantes para o entendimento da queixa. Esse levantamento foi feito por meio de

perguntas na grande maioria abertas (perguntas que estimulavam o relato abrangente de fatos e favorecendo a coleta de maior número de informações), que estimulavam o lembrar e a verbalizar diversificados fatos de sua história de vida, muitos dos quais foram utilizados nas análises funcionais direcionando questionamentos em sessões subsequentes. Ocasionalmente perguntas fechadas (perguntas que induziam respostas curtas e possibilitavam o esclarecimento de dados pontuais) eram feitas como forma de especificar determinado assunto e facilitar a compreensão contextual (Medeiros & Medeiros, 2012);

- Orientações sobre técnica de respiração diafragmática (Dias, 2016), que consistia na inspiração profunda e sequenciada pelo nariz enchendo ao máximo os pulmões de ar com a distensão da cavidade abdominal e posterior expiração de maneira gradual, que deveriam ser utilizadas sempre que necessário nos momentos que apresentasse estados de ansiedade intensa ou nas que tivesse dificuldade para entrar em sonolência. O objetivo era propiciar e facilitar a autoindução de estado de relaxamento em momentos de ansiedade e naqueles que apresentasse dificuldade para dormir;
- Questionamento reflexivo ou socrático (perguntas que estimulam a capacidade reflexiva) no decorrer de variadas sessões e momentos diferentes na terapia, sobre assuntos identificados pelo terapeuta por meio das análises funcionais como importantes e que necessitavam de uma maior reflexão por parte da cliente (Medeiros, 2014; Miyazaki, 2004). Objetivou-se autoanálise de consequências ocorridas e atitudes adotadas em contextos passados e recentes, além de ter possibilitado a quebra de regras imprecisas formuladas ou adquiridas ao longo de sua existência que tornaram seu repertório

insensível às contingências vigentes e que impediam discriminações acuradas;

- Deveres de casa em vários momentos da terapia, com objetivo da cliente colocar em prática orientações fornecidas e condutas analisadas em sessão ou como preparação para sessões seguintes. Englobaram autoindução de relaxamento, treino de autoobservação quanto a respondentes eliciados, comportamentos emitidos e suas consequências, exposições a contextos sociais reforçadores e com baixa probabilidade de controle aversivo, leitura dos materiais disponibilizados (filme, livro, caderneta dos bons acontecimentos, dentre outros);
- Outro recurso utilizado foi a prestação de esclarecimentos sobre processos comportamentais em diversos atendimentos, como forma de favorecer e aumentar o autoconhecimento da cliente sobre alguns de seus comportamentos e a influência do ambiente sobre eles. Essa ferramenta visou também, facilitar seu engajamento em atividades que implicassem em sua exposição a novos ambientes, a incluir reforçadores importantes em sua rotina e diminuir a frequência de eventuais comportamentos de esquiva frente ao enfrentamento de algumas situações. Consistiu em usar a teoria e exemplos experimentais da análise do comportamento por meio de verbalizações explicativas por parte do terapeuta, tomando como base relatos da cliente sobre situações de dificuldade;
- Treino em análises funcionais, tanto de contingências históricas como atuais, favorecendo sua compreensão das contingências de reforçamento que encontrava-se exposta, favorecendo a mudanças comportamentais estipuladas. Consistiu na análise de respostas e suas relações com eventos

ambientais antecedentes e consequentes relevantes à queixa que eram trazidos para os atendimentos. As análises eram feitas por meio de questionamento direcionado para a cliente dos antecedentes, respostas e consequentes e posteriormente feito a interrelação entre essas partes (Delitti, 1997; Fonseca & Nery, 2018; Guilhardi & Queiroz, 1997; Neno, 2003; Nery. & Fonseca, 2018; Meyer, 1997);

- Treino assertivo. Consistiu em treinar durante algumas sessões alternativas comportamentais para uma mesma situação pela qual a cliente havia passado e teve dificuldade em lidar ou que possivelmente se depararia. Cada alternativa treinada tinha uma análise contingencial feita, sendo selecionadas as mais apropriadas ao caso. Essa atividade visou aumentar a variabilidade do repertório comportamental da cliente e favorecer a obtenção de reforçadores. Como referência de material para a realização desse tipo de treino, utilizou-se o livro “Comportamento Assertivo: um guia de auto-expressão” de Alberti e Emmons (1978/1983);
- Modelação (comportamento imitativo mediado por respostas de um indivíduo modelo/imitação). Em algumas ocasiões, o terapeuta serviu de modelo ou foram apresentados exemplos modelos de conduta para que a cliente adquirisse um repertório adaptativo assertivo que maximizasse a probabilidade de consequências reforçadoras e minimizasse as aversivas. Foi utilizado quando a modelagem se tornava trabalhosa em demasia para ser realizada ou o tempo encontrava-se limitado (Alberti & Emmons, 1978/1983; Catania, 1999; Skinner, 1953/2003);
- Reforçamento diferencial que visou aumentar a frequência de habilidades importantes para as interações sociais de qualidade (verbalizações de assuntos

agradáveis e de interesse de outras pessoas), concorrendo com a ocorrência de comportamentos queixosos que propiciavam o contato com estimulação aversiva (esquiva e afastamento de amigos, punições). Para realizar esse procedimento, o psicólogo forneceu mais atenção a comportamentos assertivos e habilidosos do que a relatos queixosos, de modo que procurou explorar os primeiros seja com questionamentos a respeito do contexto em que estavam envolvidos ou com análises sobre as consequências reforçadoras por eles produzidas. Assumiu, portanto, uma postura de interesse ao conteúdo exposto, além de emitir sorrisos e elogios ocasionais. Em relação aos comportamentos queixosos, mesmo escutando-os, assumia uma postura mais neutra ao não emitir resposta que ocasionasse a extensão do assunto e não emitia sorrisos ou elogios (Moreira & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003);

- “Pizza da vida”. Atividade na qual foram disponibilizados: lápis, borracha, uma prancheta de madeira presa abaixo de uma folha A4 em branco com espaço para identificação do usuário no canto superior esquerdo e um círculo ao centro que tomava a quase totalidade da folha. Em seguida foram dadas instruções para que a partir do centro da figura, fizesse divisões em diversas sessões triangulares semelhantes em formato a fatias de uma pizza (daí o nome atribuído à atividade) em que cada uma deveria representar as variadas áreas da vida da cliente (familiar, amorosa, social, religiosa, educacional, profissional e lazer) e corresponder proporcionalmente em largura, o tempo e importância que estava destinando a cada uma desses aspectos. Depois de concluída essa primeira etapa, foram realizadas algumas reflexões a respeito: solicitou-a que informasse o sabor da fictícia pizza, se comeria um alimento com o gosto mencionado, como considerava o visual do alimento, a

percepção quanto a proporção das fatias ao serem comparadas umas as outras e o que poderia ser feito para melhorar sua qualidade. Por fim, fez-se um paralelo das concepções e sugestões elencadas na atividade, quanto ao que poderia ser feito para o alcance de melhorarias na atenção e desempenho em cada uma dessas áreas, objetivando uma vida mais equilibrada, satisfatória e saudável (Coelho, 2011);

- Caderneta dos bons acontecimentos, cujo intuito foi tornar a cliente sensível e facilitar sua discriminação das contingências de reforçamento positivo a que rotineiramente encontrava-se exposta. Também tinha a função de estimular relatos sobre acontecimentos agradáveis contrapondo aos comportamentos queixosos. Solicitou-se previamente a aquisição de uma caderneta de anotações pela cliente, que foi instruída a anotar fatos e acontecimentos agradáveis ou favoráveis ao bem estar geral, imediatamente após ocorrerem. Semanalmente era solicitado que as anotações fossem lidas e após uma escuta atenta, que fossem feitas reflexões a respeito de tais fatos;
- Leitura e discussão na sessão do texto referente a entrevista do analista comportamental clínico Steven Hayes fornecido para a revista Veja: “Não fuja da dor”. O texto foi disponibilizado pelo terapeuta que solicitou sua leitura pela cliente. Partiu-se então para a reflexão de seu conteúdo com a busca de exemplos ilustrativos cotidianos. O objetivo foi estimular comportamentos de enfrentamento frente a adversidades encontradas pela cliente, diminuir a emissão de comportamentos de fuga frente a estimulação aversiva e contribuir para a desmistificação de regras sociais imprecisas de que o sofrimento humano é algo que sempre deve ser evitado (Association for Contextual Behavioral Science, 2010);

- Leitura e discussão do texto “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para a barbárie” escrito por Elaine Brum. O texto foi disponibilizado pelo terapeuta que solicitou sua leitura em sessão pela cliente. Partiu-se então para a reflexão de seu conteúdo com a busca de exemplos ilustrativos trazidos em atendimentos anteriores. O objetivo foi sensibilizá-la quanto a importância e benefícios do tempo livre, seja para reflexões individuais sobre variadas situações da vida, diminuir os efeitos ansiosos decorrentes de momentos que permanecia ociosa e contrapor a comportamentos autoexigentes quanto a uma produção profissional ininterrupta (Portal Raízes Jornalismo Cultural, 2016);
- Longa metragem “*Sex and the city* o filme”, 2008 e “*Sex and the city 2*”, 2010. Solicitou-se que a cliente assistisse os dois filmes em casa para que posteriormente fosse discutido o conteúdo em sessão. Por serem filmes que abordam a diversidade nas relações amorosas no tocante as variadas possibilidades das pessoas se relacionarem amorosamente, A proposta foi a realização de uma análise ampliada quanto a existência dessas diversificadas maneiras, questionando a veracidade e as consequências danosas da adoção de regras rígidas sobre casamento, aumentar a sensibilidade da cliente aos momentos prazerosos de seu relacionamento amoroso e diminuição na emissão de comportamentos agressivos para com o companheiro;
- Leitura e discussão do livro “Comunicação não violenta” de Marshall B. Rosenberg, cujo objetivo era por meio do tema direcionado, estimular a autorreflexão sobre interações nas quais comportamentos agressivos estavam presentes, favorecer a diminuição na emissão de tais comportamentos, fornecer modelos e desenvolver repertório comportamental alternativo aos agressivos. O profissional disponibilizou o texto via arquivo digital e

solicitou semanalmente que alguns capítulos fossem lidos para que na sessão subsequente pudessem ser discutidos. Durante as discussões, reflexões eram induzidas, exemplos de fatos vivenciados pela cliente eram abordados, treinamento de alguns comportamentos eram realizados e exposições práticas foram estimuladas (Rosenberg, 2003/2006).

14. Mudanças observadas

Ao final das vinte e nove sessões foram perceptíveis os ganhos alcançados com o processo psicoterápico e melhorias na qualidade de vida da cliente.

No tocante aos “sintomas” relacionados à ansiedade, foram identificadas melhorias satisfatórias (tanto na percepção de Constância como do terapeuta) no quadro que a cliente apresentava, de modo a não serem perceptíveis limitações significativas no desempenho das atividades cotidianas. Muito dessa mudança ocorreu após utilizar-se da técnica disponibilizada pelo terapeuta para indução de estado de relaxamento. Além dessa técnica, as intervenções com a utilização de questionamentos reflexivos, o aumento na variabilidade comportamental e a inclusão de reforçadores importantes em sua rotina, mostraram-se importantes para essa melhoria.

O quadro geral de saúde da cliente manteve-se estável durante todo o processo e mesmo com algumas alterações pontuais relacionadas a aparente fragilização do sistema imunológico (lúpus e herpes), não foram evidenciadas ocorrências que desencadeassem maiores prejuízos. Muito dessa estabilidade provavelmente se deu em virtude do enfraquecimento de algumas regras com a diminuição na frequência de comportamentos de autoexigência, assim como a mudanças que propiciaram sua exposição a ambientes apazíveis e baixa probabilidade de estimulação aversiva.

Em relação às interações que mantinha com os irmãos, percebeu-se que passou a ser mais transparente com seus sentimentos (comportamento considerado assertivo pelo terapeuta), verbalizando com relativa frequência suas limitações pessoais e dificuldades quanto aos relatos queixosos deles, o que aparentemente favoreceu sua menor ocupação por parte deles com demandas nesse sentido. Também passou a negar empréstimos financeiros a eles reconhecendo suas dificuldades econômicas, a má administração das finanças por parte deles e os baixos esforços dispensados pelos irmãos para conseguirem melhores condições laborais e maior remuneração. Essa nova postura foi favorecida a partir de intervenções durante o processo psicoterápico com a utilização de questionamentos reflexivos sobre as condições financeira e afetiva que se encontrava exposta, análises funcionais sobre os comportamentos dela em interação com os irmãos, focando nos prejuízos a curto, médio e longo prazo, modelação e modelagem de comportamentos assertivos para lidar com situações problemas de modo a aumentar as possibilidades de êxito com pouca ou nenhuma estimulação aversiva.

No campo laboral, além de mudar de trabalho, vinculando-se a instituições que propiciaram maior satisfação pessoal e qualidade de vida por não apresentarem elevada exigência quanto a normas de conduta, desempenho e alcance de metas, dedicava-se cada vez mais ao exercício de sua profissão como autônoma, aspecto considerado bastante terapêutico ao ter de lidar com a autopromoção e desenvolvimento de potencialidades tanto pessoais como profissionais e que muitas vezes não foram possíveis nos trabalhos anteriores. Além disso, tal exercício a possibilitava a complementação de sua renda, maior poder de escolha, assim como ser mais criteriosa na participação de processos seletivos, não ficando “refém” de laços trabalhistas nem sempre favoráveis ao seu bem estar.

A respeito dos momentos de lazer, percebeu-se grande evolução na qualidade das atividades que desempenhava. Mesmo com as restrições financeiras, expandiu as atividades reforçadoras e de maior satisfação (saídas para diversificados ambientes com colegas, encontros da turma do ensino médio e de estudantes desse mesmo colégio, viagem para outros estados com sua permanência na casa de familiares, idas constantes a clubes esportivos para tomar sol, etc), realizando-as cada vez em maior frequência, evitando assim o isolamento social e favorecendo o desenvolvimento de comportamentos habilidosos socialmente, o que propiciava relações afetivas de maior intimidade. Tudo isso considera-se que foi possível com o desenvolvimento do autoconhecimento, as constantes orientações do terapeuta sobre processos comportamentais, análises funcionais de comportamentos problemáticos, dentre outras intervenções realizadas.

Como mencionado, notou-se que os comportamentos que Constância apresentava quanto a autoexigência e elevado desempenho pessoal diminuíram de frequência e intensidade. Ao se cobrar menos e diminuir seu nível de exigência, começou a aproveitar os momentos de ociosidade ou lazer, assim como conseguia ter melhor aproveitamento em algumas das atividades que se engajava, como por exemplo, os estudos para concurso público que ao se encontrar menos ansiosa, conseguia se concentrar e obter maiores aproveitamentos. Também foi verbalizado não se culpar mais por não ter tido o desempenho que gostaria nas provas que participava e reconhecia suas limitações pessoais. Alguns dos facilitadores utilizados para conseguir esse resultado foram os constantes questionamentos reflexivos provocados pelo terapeuta sobre as regras que seguia e situações cotidianas que vivenciava, a ampliação das possibilidades de ganhos laborais que a deixava mais tranqüila quanto a suas finanças, análises funcionais desses comportamentos e a

abordagem do texto de Elaine Brum “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para a barbárie”, dentre outros.

Outro ganho significativo diz respeito à relação amorosa, que se mostrou menos conflituosa e mais satisfatória, uma vez que diminuiu a agressividade que vinha apresentando no tratamento com o namorado ao começar analisar a forma que vinha se comportando e as consequências que obtinha. Por conseguinte, o namorado também reagia com menos violência e ambos desfrutavam de mais momentos agradáveis na companhia um do outro. A abordagem dos longas metragens “*Sexy and the city*, o filme” e “*Sexy and the city 2*”, como incitadores de questionamentos sobre modelos de relacionamento socialmente estratificados e a leitura e discussão do livro “Comunicação não violenta” de Marshall B. Rosenberg, foram decisivos para o alcance de tal mudança.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar como ambientes familiares violentos podem influenciar no desenvolvimento de um padrão comportamental agressivo nas interações sociais, desencadeando significativos e amplos prejuízos individuais e sociais. Abordando-se o tema agressividade, desde sua conceituação, seus determinantes, mantenedores e utilizando-se de um caso clínico sobre a ótica da análise comportamental clínica como recurso ilustrativo, procurou-se a partir da coleta de dados e elaboração de análises funcionais moleculares e molares de comportamentos e do padrão agressivo apresentado pela cliente, identificar os fatores presentes em seu histórico de vida e nas contingências que vigoravam até a ocasião da confecção deste trabalho que influenciaram no desenvolvimento e manutenção dessa dinâmica comportamental.

Conforme presente nos resultados, a cliente procurou atendimento por vivenciar intenso sofrimento e dificuldades adaptativas advindas da inabilidade que apresentava em promover modificações que permitissem seu acesso a reforçadores importantes, com baixa prevalência de consequências aversivas. Após o levantamento de informações, identificou-se que Constância estava exposta a contingências altamente aversivas, que conforme destacado por Gomide (1996), Moreira e Medeiros (2007), Sidman (1989/2009) e Skinner (1953/2003), geravam subprodutos indesejáveis, neste caso, sentimentos desagradáveis como raiva e tristeza, além da precarização de sua saúde e efeitos ansiosos que muitas vezes comprometiam o desenvolvimento de atividades rotineiras.

Analisando seu histórico familiar, foi perceptível como provavelmente uma convivência parental permeada por constantes brigas conjugais e inabilidades dos

pais em fornecer um modelo comportamental assertivo a seus filhos ou modelarem (selecionarem comportamentos desejados utilizando-se de esquemas de reforçamento) nesses, formas de agir propícias para uma convivência familiar e social agradável para os envolvidos, instalou pelo contrário, repertórios comportamentais “deficitários” (de baixa efetividade na produção de reforçadores e na diminuição de estimulação aversiva) e de pouca variabilidade, ocasionando transtornos e dificuldades adaptativas em contextos diferentes do qual tal repertório foi selecionado. Esse tipo de dinâmica relacional com marcante influência dos pais sobre os filhos foi abordada por Alves e Aguiar (2016), Moreira e Medeiros (2007), Patias, Siqueira e Dias (2013), Silvares, Moura e Aguiar (2009), além de sinalizadas nas pesquisas de Bolsoni-Silva e Marturano (2002), Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009), Gomide (2009), Maccoby e Martin (1983), Pinheiro *et al.* (2006), Ulrich (1975) e Villa e Auzmendi (1999).

Em se tratando de Constância, supôs-se que o desenvolvimento e manutenção de comportamentos agressivos e autoexigentes foram, durante sua infância, de suma importância para sua adaptação e permanência em um contexto familiar, muitas vezes hostil, mas que com a chegada da idade adulta e independência socioeconômica lhe trouxeram dificuldades e privações por serem seus comportamentos inapropriados para a obtenção de reforçadores nos novos contextos que passou a ter acesso. A pouca flexibilidade comportamental diante desses novos ambientes, possivelmente trouxeram-lhe sofrimento emocional e fragilização de sua saúde física, condições estas que culminaram na procura pelo auxílio psicoterapêutico. Menciona-se ainda quanto a isso, que os autores Bandura e Iñesta (1975), Bee (1997), Bennett (2000), Chaves, Kelder e Orpinas (2002), Coelho-Matos e Matos (2010), Gomide (1996, 2000), Leme (2004), Moreira e Medeiros (2007), Sidman

(1989/2009, 1995), Skinner (1953/2003) e Ulrich (1975) discorreram sobre os prejuízos individuais e/ou sociais decorrentes da exposição a contingências aversivas e generalização de repertórios agressivos moldados em crianças no seio familiar e estendidos para outros contextos.

No relacionamento com os irmãos, ela se deparava com variados estímulos, alguns dos quais eram reforçadores, como atenção, contato físico e afeto, e outros que eram desagradáveis e geravam elevado incômodo (reclamações diversas e empréstimos financeiros, por exemplo). Sem se dar conta, hipotetizou-se que dava continuidade a essa dinâmica, pois dificilmente se negava a fornecer o apoio solicitado a eles (estímulo reforçador para os irmãos), mesmo que isso a sobrecarregasse (estímulo punidor para ela), postura essa que lhe permitia ser valorizada como uma “boa irmã” (reforçamento para a cliente) e evitar sua culpabilização por, de algum modo, ser considerada negligente com a família (reforçamento negativo por meio de esquiva). Assim, essa interação familiar possivelmente evidência o que foi dito pelos autores Catania (1999), Moreira e Medeiros (2007), Sidman (1989/2009) e Skinner, (1953/2003) sobre os efeitos fortalecedores ou enfraquecedores que determinadas consequências tem sobre o comportamento dos indivíduos.

Com o pai, a relação também encontrava-se desgastada devido as constantes reclamações que lhe eram trazidas por ele (pouco trabalho, baixo ganho de capital e problemas de saúde, dentre outros), principalmente em relação a destratos recebidos da segunda esposa e filha, que pelo percebido, constituía uma poderosa fonte de estimulação aversiva. Ele também, por diversas vezes, a criticava por alguma postura que ela adotara e que ele não concordava e insistia que ela participasse da convivência conflituosa que mantinha com a filha mais nova e a esposa com quem se

relacionava. Mesmo diante desse quadro favorável ao distanciamento entre eles, o contato físico ainda possuía efeito reforçador e a assistência destinada a ele e aos irmãos, como já mencionado acima, provavelmente assumia caráter de reforçador negativo ao esquivava-se de uma possível culpabilização por ser negligente.

Mesmo a mãe já falecida, ao lembrar-se dos últimos anos da convivência com ela, sentia-se angustiava por acreditar que havia sido negligente na atenção e cuidados destinados a ela, mesmo que uma análise histórica mais detalhada demonstrasse o contrário. A possibilidade de ter falhado no fornecimento de cuidados a ela como filha, aparentemente constituía em outra fonte de estimulação aversiva, mas que eventualmente, também lhe gerava reforçadores como atenção e palavras consoladoras por parte de outras pessoas (amigos e terapeuta, por exemplo) ao relatar tal percepção.

No tocante ao relacionamento amoroso, além de tornar-se cada vez mais conflituoso, era considerado insatisfatório por ela, já que esperava há tempos a formalização de um matrimônio, o que não ocorria por esQUIVA principalmente do namorado, que demonstrava dificuldade em conviver diariamente com os comportamentos agressivos da companheira e fornecer a atenção que ela requisitava. A agressão era expressa em situações que ele contrariava as atitudes almeJadas por ela (desatenção, por exemplo) reagindo com verbalizações ríspidas e em tom de exigência, ou quando permanecia em demasia afastado dela (punição negativa). Acreditou-se que fatos como esses corroboram o que foi dito por Bandura e Iñesta (1975), Bee (1997), Chaves, Kelder e Orpinas (2002), Gomide (1996, 2000) e Sidman (1995) quanto a situações que envolvam a retirada de reforçadores por extinção ou punição estimularem a ocorrência de comportamentos agressivos. Na maior parte das vezes o namorado reforçava essa postura da cliente, modificando seu

comportamento em coerência ao esperado por ela, mas em algumas outras, que vinham aumentando de frequência com o passar do tempo, reagia também de maneira agressiva, contribuindo ainda mais para a continuidade dos comportamentos considerados por ele indesejados da companheira e os conflitos no relacionamento. Conforme apontado por Bandura e Iñesta (1975), Bee (1997), Chaves, Kelder e Orpinas (2002), Coelho-Matos e Matos (2010), Gomide (2000), Sidman (1995) e Ulrich, 1975, a agressão gera mais agressão.

O ambiente laboral em particular, constituía-se na maior fonte de estimulação aversiva devido a variados fatores: os salários eram baixos, a instabilidade profissional constante, as exigências quanto a condutas específicas e alcance de metas de produtividade eram altas e a postura que adotava frente a chefia contribuía para agravar a situação. Em variadas circunstâncias demonstrava resistência quanto às decisões tomadas pela chefia e adotava conduta questionadora frente às orientações recebidas (contracontrole). Ocasionalmente também agia com rispidez e empáfia no trato com eles, ocasionando prejuízos nas interações sociais o que possivelmente tornava o ambiente ainda mais desagradável e supostamente confirmando as alegações de Bandura e Iñesta (1975), Bee (1997), Chaves, Kelder e Orpinas (2002), Coelho-Matos e Matos (2010), Gomide (2000), Sidman (1995) e Ulrich, 1975 sobre a estimulação aversiva desencadear mais estimulação aversiva. A pouca variabilidade comportamental e a dificuldade em achar comportamentos alternativos e eficazes para interações interpessoais menos danosas provavelmente ajudavam na permanência dos problemas e insatisfações. Considera-se que o que ocorria no ambiente laboral, portanto, vai de encontro as compreensões sobre as consequências da estimulação aversiva de Bandura e Iñesta (1975), Capelari e Fazzio

(2001), Coelho-Matos e Matos (2010), Moreira e Medeiros (2007), Sidman (1989/2009), Skinner (1953/2003) e Ulrich (1975).

Além da constante estimulação aversiva que encontrava-se exposta em variados contextos, um aspecto que permanecia em diminuta prevalência na rotina de Constância era a baixa quantidade de reforçadores de elevada magnitude que poderiam vir, caso presentes, a minimizar o sofrimento que experimentava. Em decorrência da instabilidade laboral, dos baixos salários e como provável esQUIVA de passar por novas experiências desagradáveis, ela havia cortado de seu cotidiano importantes momentos de lazer como as saídas a clubes para tomar sol, eventos em ambientes externos com os amigos, saídas com o namorado, viagens ou outras atividades que proporcionassem prazer em alta magnitude e que fizessem frente ao estresse que vivenciava. Essa forma de retraimento social também a privava de se expor a ambientes que favorecessem o desenvolvimento de habilidades sociais e contribuíssem para o aumento na variabilidade de seu repertório comportamental (modelagem por exposição), o que representaria maiores chances de adquirir maior número de reforçadores. Portanto, identificou-se que Constância encontrava-se dentro de um ciclo autoperpetuador no qual imperava constante estimulação aversiva, pouca prevalência de reforçadores, que quando presentes eram de baixa magnitude e insatisfações.

No decorrer dos atendimentos psicoterapêuticos, ficou evidente a dificuldade da cliente em apresentar comportamentos que pudessem ser considerados socialmente agradáveis, predominando um relato queixoso com ênfase nos problemas pelos quais passava e desmerecimento das melhorias e ganhos que ocasionalmente obtinha. Provavelmente no ambiente social externo, a emissão desses comportamentos em princípio, geravam reforçadores como atenção e atitudes

empáticas, mas com a continuidade da convivência, provavelmente eram desagradáveis para os ouvintes que reagiam com atitudes aversivas a ela como desatenção, mudanças de assunto ou mesmo críticas. Comportamentos agressivos também foram verificados enquanto relatava fatos vivenciados com os familiares, colegas ou namorado. Nessas ocasiões o tom vocal e a postura corporal intimidadores denunciavam como provavelmente agia nas diversificadas situações do cotidiano em que estimulações aversivas estavam envolvidas, favorecendo a adoção de atitudes intolerantes por outras pessoas.

Com o passar do tempo e avanço do processo terapêutico, Constância começou a perceber sua forma generalizada de agir com intimidação e coação em alguns contextos, principalmente em relação ao namorado e como essas atitudes vinham contribuindo para o aumento das insatisfações. Essa percepção e mudanças importantes daí decorrentes foram possíveis somente quanto passou a compreender melhor as variáveis históricas e atuais das quais seu comportamento era função e assim, conforme afirmou Skinner (1953/2003), ficou numa posição privilegiada para fazer mais facilmente alterações comportamentais que a beneficiariam.

O processo como um todo, seguindo o que é preconizado por Marçal (2005) e outros profissionais da área, focou-se no desenvolvimento de habilidades interpessoais e ampliação de reforçadores de modo a satisfazer as privações que a cliente apresentava e diminuir a estimulação aversiva que sofria. Para isso, foram treinadas novas formas de agir (modelagem e modelação no consultório) de maneira a variar seu repertório comportamental para que pudesse obter consequências diferenciadas das que vinha tendo. A exposição a ambientes com baixa probabilidade de estimulação aversiva e riqueza de reforçadores também foi estimulada e algumas

crenças imprecisas foram questionadas, favorecendo ainda mais as exposições e a mudança contextual.

Ao avaliar o processo terapêutico como um todo, identificou-se que muitos ganhos foram alcançados: houve a diminuição dos sintomas ansiosos, a saúde física de Constância manteve-se estável, houve a ampliação da maneira de se comportar em ambientes variados com a diminuição dos comportamentos agressivos, principalmente em relação ao namorado e se tornou socialmente mais habilidosa. Devido às mudanças comportamentais alcançadas, ocorreu o aumento no número de reforçadores presentes em seu cotidiano e diminuição na estimulação aversiva, principalmente no campo familiar e laboral desencadeando melhorias no seu bem estar geral. Mesmo com essas significativas melhorias, o padrão comportamental agressivo se perpetuava, possivelmente por ainda permanecer adaptativamente favorável em alguns contextos, o que já era esperado e desejado conforme mencionado por Marçal (2005), que salientou que as mudanças alcançadas não deverão ser gerais, pois alguns dos repertórios comportamentais permanecem efetivos e por isso deverão ser mantidos, acrescentando-se novas vivências a novos contextos, de modo que novos comportamentos e estímulos sejam naturalmente condicionados, agregando benefícios. Logo, a continuidade das exposições a ambientes com baixa probabilidade de estimulação aversiva deveria se manter para que tal padrão, quando acarretasse prejuízos a ela ou outras pessoas, diminuísse ainda mais de frequência pela concorrência com repertórios adaptativos assertivos fortalecidos com essas novas exposições.

Referências

- Alberti, R. E. & Emmons, M. I. (1978/1983). *Comportamento assertivo: um guia de auto-expressão* (J. M. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Alves, F. C. N. & Aguiar, O. X. (2016). Agressividade na escola ligada a conflitos familiares. *Revista científica do Unisalesiano*, 15, 248-263.
- Association for Contextual Behavioral Science (2010). *Entrevista na Revista Veja com Steven Hayes (Brasil)*. Retirado no dia 30/05/2016, do site https://contextualscience.org/entrevista_na_revista_veja_com_steven_hayes_brasil
- Ballone, G. J. (2005). *Epilepsia, Personalidade e Agressividade*. Retirado no dia 07/04/2018 do site http://www.robertexto.com/archivo2/epi_personalidade_agres.htm
- Bandura, A. (1973). *Aggression, a social learning analysis*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1975). Analisis de La prendizage social de La agresión. Em A. Bandura, & E. R. Iñesta (Orgs.), *Modification de Conducta: análisis de la agresion y la delincuencia* (pp 307-350) . México: Trillas.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, Trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed.
- Bennett, P. P. (2000). Children with emotional and behaviour difficulties and their parents. *A peer reviewed journal*, 5, 12-17.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7, 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Paiva, M. M. & Barbosa, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. *Psicologia Clínica*, 21, 169-184.
- Campell, R. K. (1986). *Dicionário de psiquiatria*. (Cabral, A., Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Capelari, A. & Fazzio, D. (2001). O Estudo da Violência no Laboratório. Em Kerbauy, R. & Wielenska, R. (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição* (pp. 175-180). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. de Souza, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Chaves, S. L. E., Kelder, S. & Orpinas, P. (2002). La relación entre juegos de videos violentos, la aculturación y la agresión entre adolescentes latinos. *Biomédica*, 22, 398-406.
- Chiesa, M. (1994). *Radical Behaviorism: the philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Cirino, S. D. (2001). O que é história comportamental. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade*. (pp. 153-158). Santo André: ESETec.

- Coelho, A. M. (2011). *A Funcionalidade de Recursos Terapêuticos na Prática Clínica do Analista do Comportamento*. Dissertação como Requisito Parcial para Obtenção do Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica não publicada, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília.
- Coelho-Matos, M. E. C. & Matos, M. S. (2010). Conceituação, implicações e evolução do comportamento agressivo e a prevenção do comportamento antissocial. Em M. M. C. Hubner, M. R. Garcia, P. R. Abreu, H. N. P. Cillo & P. L. K. Loiros (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (pp. 118-128). Santo André: ESETec.
- Costa, N. (2011). O surgimento de diferentes denominações para a Terapia Comportamental no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13, 46-57.
- Dascândio, D., & Valle, T. G. M. (2007). Avaliação das práticas educativas dos pais de crianças com baixa e alta plumbemia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 2, 198-208.
- Delitti, M. (1997). Análise funcional: O comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 37-44). São Paulo: ARBytes.
- Dias, A. C. *Relaxamento*. Retirado no dia 15/08/2016, do site <http://www.anadiaspsicologia.com/relaxamento.htm>
- Dias, A. L. F., Cançado, C. R. X., Soares, P. G., & Cirino, S. D. (2007). História comportamental: noções e definições na literatura em análise do comportamento.

- Em E. N. P. Cillo & M. R. M. Santos (Eds.). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar* (pp. 200 - 207). Santo André, SP: Esetec.
- Dicionário Aurélio. (2017). *Significado de Agressividade*. Retirado no dia 04/11/2017, do site <https://dicionariodoaurelio.com/agressividade>
- Edelstein, B. A., & Yoman, J. (1996). A entrevista comportamental. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp.663-683). São Paulo: Livraria Santos.
- Ferreira, J. P. & Banaco, R. A. (2007). História comportamental: Um estudo com sujeitos não humanos. Em Cillo, E. N. P., & Santos, M. R. M. (Orgs.), *Ciência do comportamento* (pp 234-249). Santo André. ESETEC.
- Fonseca, F. N. & Nery, L. B. (2018). Formulação comportamental ou diagnóstico comportamental: um passo a passo. Em A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica* (pp 23-48). Porto Alegre: Artmed.
- Gomide, P. I. C. (1996). Agressão Humana. *Torre de Babel: Reflexões e Pesquisa em Psicologia*, 3, 71-87.
- Gomide, P. I. C. (2000). A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 147-141.
- Gomide, P. I. C. (2001). Efeito das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. Em M. L. Marinho & V. E. Caballo (Orgs.), *Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 33-54). Londrina: Ed. da UEL.
- Gomide, P. (2006). *Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. (2008). *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes.

- Gomide, P. I. C. (2009). A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia*, 26, 25-34.
- Gimenes, L. S., Andronis, P. T., & Layng, T. V. J. (2005). O Questionário Construcional de Goldiamond: Uma Análise Não-linear de Contingências. Em H. J. Guilhardi & N. C. Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade* (pp. 308-322). Santo André: ESETec.
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. Em M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, & S. M. B. Mezzaroba (Orgs.), *Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor* (pp 47-68). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Guilhardi, H. J., & Queiroz, P. B. P. S. (1997). A análise funcional no contexto terapêutico: o comportamento do terapeuta como foco da análise. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 45-97). São Paulo: ARBytes.
- Hunziker, M. H. L. (2001). O estudo do desamparo aprendido como estratégia de uma ciência histórica. Em Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P. & Scoz, M. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição, expondo a variabilidade*. (pp. 227-233). Santo André. ESETec.
- Joly, M. C. R. A., Dias, A. S., & Mariani, J. A. S. (2009). Avaliação da Agressividade na Família e Escola de Ensino Fundamental. *Psico-USF*, 14, 83-93.
- Leme, M. I. S. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 367-380.

- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. Em E. M., Hetherington, & P. H. Mussen (Orgs.), *Handbook of Child Psychology: Socialization, Personality, and Social Developmental* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Marçal, J. V. S. (2005). Refazendo a história de vida: quando as contingências passadas sinalizam a forma de intervenção clínica atual. Em H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade* (pp. 258-273). Santo André: ESETec.
- Marçal, J. V. S. (2007). Análise comportamental clínica de casos de transtorno do pânico: Sintomas iguais, intervenções diferentes. Em R. R. Starling (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Temas clássicos* (pp. 314-325). Santo André: ESETec.
- Marçal, J. V. de S. (2010). Behaviorismo radical e prática clínica. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 30-48). Porto Alegre: Artmed.
- Matos, M. A. (1997). Introspecção: Método ou objeto de estudo para a análise do comportamento. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 188-198). Santo André: ESETec.
- Mattaini, M. A. (1999/2001). *Clinical Intervention with families*. Washington: Nasw Press.
- Medeiros, C. A., & Medeiros, N. N. F. A. (2012). Psicologia Comportamental Pragmática. Em C. V. B. B. Pessoa, C. E. Costa, & M. F. Benvenuti (Orgs.), *Comportamento em Foco 1* (pp. 417-436). São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC.

- Medeiros, C. A. (2014). *Questionamento reflexivo: Um modo de intervir sem emitir regras para o cliente*. Retirado no dia 15/08/2016, do site <https://www.comportese.com/2014/10/questionamento-reflexivo-como-intervir-de-forma-eficaz-sem-emitir-regras>
- Meyer, S. B. (1997). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 31-36). São Paulo: ARBytes.
- Miyazaki, M. C. O. S. (2004). Diálogo socrático. Em C. N. Abreu, H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-comportamental: Práticas Clínicas* (pp. 311-319). São Paulo: Roca.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicol. Argum.* 26, 233- 244.
- Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). Aprendizagem pelas consequências: o controle aversivo. Em M. B. Moreira, & C. A. Medeiros (Orgs.), *Princípios básicos de análise do comportamento* (pp. 63-84). Porto Alegre: Artmed.
- Neno, S. (2003). Análise Funcional: Definição e Aplicação Na Terapia Analítico-Comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, V, pp 151-165.
- Nery, L. B. & Fonseca, F. N. (2018). Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo. Em A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica* (pp 01-22). Porto Alegre: Artmed.
- Pacheco, I. C. & Franco, T. F. (2016). *Comportamento Anti-social em crianças e adolescentes numa perspectiva analítico-comportamental*. Retirado no dia 02/11/2017, do site

http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_pdf_revista/revista2016/COMPORTAMENTO_ANTI_SOCIAL.pdf

Patias, N. D., Siqueira, A. C. & Dias, A. C. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21, 29-40.

Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G.; Amarante, C. L. D., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 407-414.

Portal Raízes Jornalismo Cultural (2016). “*Por Falta De Repouso, Nossa Civilização Caminha Para A Barbárie*” – Com Eliane Brum. Retirado no dia 15/02/2017, do site <https://www.portaltraizes.com/nossa-civilizacao-caminha-para-a-barbarie/>

Rosenber, M. B. (2003/2006). *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamento pessoais e profissionais* (Mário Vilela, trad.). São Paulo: Ágora.

Sex And The City O Filme. Título original: Sex And The City. Direção: Michael Patrick King. País de Origem: Estados Unidos. Gênero: Drama/Comédia. Tempo de duração: 145 minutos. Ano de lançamento: 2008. Estúdio/Distrib: Warner Bros, HBO films, New Line Cinema. DVD.

Sex And The City 2. Título original: Sex And The City 2. Direção: Michael Patrick King. País de Origem: Estados Unidos. Gênero: Drama/RomanceComédia. Tempo de duração: 146 minutos. Ano de lançamento: 2010. Estúdio/Distrib: Warner Bros. DVD.

Sidman, M. (1989/2009). *Coerção e suas implicações* (Andery, M. A. & Sérgio, T. M. trads.) Campinas:Livro Pleno. (Trabalho original publicado em 1989).

Sidman, M. (1995). *Coerção e suas Implicações* (Andery, M. A. & Sérgio, T. M. trads.) Campinas, SP: Editorial PSY.

- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Silvaes, E. F. M., & Gongora, M. A. N. (1998). *Psicologia clínica Comportamental: inserção da entrevista com adultos e crianças*. São Paulo: Edicom.
- Silvaes, E. F. M. S., Moura, C. B. & Aguiar, B. M. (2009). Análise das armadilhas de reforçamento na interação pais e filhos. Em R. C. Wielenska (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Desafios, soluções e questionamentos* (pp. 198-210). Santo André: ESETec.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1969). *O papel do meio ambiente*. Retirado no dia 19 de agosto de 2017, do site <http://www.itcrcampinas.com/bfskinner>
- Skinner, B. F. (1974/1982) *Sobre o behaviorismo*. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137.
- Todorov, J. C. (2012). *A psicologia como o estudo de interações*. Brasília: Instituto Walden 4.
- Tourinho, E. Z. (2006). Relações comportamentais como objeto da psicologia: Algumas implicações. *Interação em Psicologia*, 10, 1-8.
- Ulrich, R. (1975). Entendiendo la agresión. Em A. Bandura, & E. R. Iñesta (Orgs.), *Modification de Conducta: análisis de la agresion y la delincuencia* (pp 23-42) . México: Trillas.

- Villa, A. & Auzmendi, E. (1999). *Medição do autoconceito*. São Paulo: Edusc.
- Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004) Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 323-331.
- Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., & Dreiblatt, I. S. (1980). *Introdução à prática psicoterapêutica*. São Paulo: EPU/EDUSP.

Anexos

Anexo 1. Modelo de termo de autorização para supervisão e arquivamento de relatórios utilizado no IBAC.

AUTORIZAÇÃO PARA SUPERVISÃO DE CASO E ARQUIVAMENTO DE RELATÓRIOS

Eu, _____,
portador(a) da identidade nº _____ estou ciente e concordo que as sessões de Terapia Analítico-Comportamental conduzidas pelo(a) terapeuta _____ sejam regularmente discutidas em supervisões de grupo e descritas formalmente em relatórios escritos, de acordo com a legislação estabelecida pelo Conselho Federal de Psicologia. Ademais, autorizo que tais relatórios sejam arquivados pelo(a) terapeuta e pelo(a) supervisor(a) do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, tendo em vista a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos que, neste caso, se refere à atividade de estágio supervisionado do Curso de Especialização em Análise Comportamental Clínica. Foi-me assegurado que, nas referidas supervisões em grupo, minha identidade será mantida em sigilo, bem como quaisquer dados que possam identificar a mim ou meus familiares.

Brasília, ____ de _____ de 20 ____.


Cliente/Responsável

Aluno(a)/Terapeuta

Supervisor(a)

Coordenação Clínica

Anexo 2. Modelo de relatório de atendimento institucional.

	Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento Especialização em Análise Comportamental Clínica Supervisão Clínica – Módulo __ – __º Semestre 20__ Supervisor: _____ Aluno: _____ CRP: _____
---	--

Relatório de Atendimento

Cliente (Iniciais): Sessão: ^a Data: dia/mês/ano Início: (horário) Nº de Sessões: (X) Comunidade () Particular
--

Descrição dos dados relevantes:
--

Análises Funcionais: Selecionar comportamentos-alvos e fazer análises funcionais a cada cinco sessões realizadas.
--

Objetivos e/ou Estratégias terapêuticas (Trabalhados no atendimento em questão):

Supervisão (Anotações coletadas ao relatar o caso ao supervisor):
--

Agenda próximo atendimento (Dia e horário do próximo atendimento):

Tentativas anteriores de evitar/diminuir o problema?

Expectativas do cliente para a terapia?

Perguntas e preocupações do cliente:

Já fez terapia anteriormente? () Sim () Não Por quanto tempo? _____

Motivo do encerramento? _____

Qual abordagem teórica? _____

Avaliação da Triagem

Urgência do caso: () sim () não

Informações Complementares a respeito da entrevista de triagem:

Hipótese socioeconômica: Baixa Média alta

Classificação do Caso

Em qual categoria se agrupa o caso?

- Problemas com o grupo de apoio primário(familiar)
 - Problemas relacionados ao ambiente social
 - Problemas educacionais
 - Problemas ocupacionais
 - Problemas de moradia
 - Problemas econômicos
 - Problemas com acesso aos serviços de cuidados á saúde
 - Problemas relacionados á interação com o sistema legal/criminal
 - Outros: _____
-

Coordenação Clínica:

Nível: Básico Avançado